

CMP 1.2.4.33

# WAGNER: DER FLIEGENDE HOLLÄNDER





# CAST

O Holandês ..... NORMAN BAILEY  
Senta ..... JANIS MARTIN  
Erik ..... RENÉ KOLLO  
Daland ..... MARTTI TALVELA  
O Piloto ..... WERNER KRENN  
Mary ..... ISOLA JONES

Coro e Orquestra Sinfônica de Chicago

Maestrina do coro: Margaret Hillis

Regente:

**SIR GEORG SOLTI**

Produtor: Ray Minshull • Assistente de produção: Michael Woolcock  
Engenheiros de som: Kenneth Wilkinson, James Lock

Gravado em maio de 1976 no Templo Medinah, Chicago, Illinois, EUA



© 1977 The Decca Record Company Limited, Londres  
© 1977 The Decca Record Company Limited, Londres

Tradução da Introdução e do Argumento: Mário Willmersdorf Jr. • Tradução do Libreto: Iná de Mendonça

Capa: Norman Bailey como Van der Decken, na produção para televisão da BBC  
Foto: © BBC

Capa do Libreto: Ilustração da montagem francesa de "O Navio Fantasma",  
propriedade do "Covent Garden Opera Trust"

Excetuando-se a capa do libreto, todas as ilustrações são de fontes de Bayreuth,  
gentilmente cedidas pela coleção da Biblioteca de Teatro Raymond Mander e Joe Mitchinson.

Foto à esquerda: Richard Wagner

# WAGNER DESENCARDEIA A TEMPESTADE

## As Circunstâncias da Composição da Ópera

A 26 de julho de 1839, um pequeno navio mercante alemão, o *Thetis*, viajava de Pillau — o porto báltico de Königsberg, capital da Prússia Oriental — para Londres. Após cruzar o Báltico sem maiores problemas, enfrentou uma violenta tempestade no Cattegat (estreito que separa a Dinamarca da Suécia), que persistiu enquanto ele se dirigia para o Skagerrak — o largo braço do Mar do Norte, encaixado entre a costa norte da Dinamarca e a costa sul da Noruega. Enquanto o comandante e sua tripulação de seis homens davam todos os seus esforços para manter o navio a salvo, três passageiros se refugiaram na estreita cabina do comandante, dois deles prostrados com enjôos. Esses dois eram um jovem alemão, de 26 anos, e sua bonita esposa; o terceiro passageiro era seu cachorro, um enorme terra-nova, que trazia o curioso nome inglês de Robber (ladrão).

Robber, que pertencera originalmente a um mercador de Riga, não devia ser um marinheiro de primeira viagem, mas os outros dois eram estreatantes. A moça estendia-se prostrada na cama do comandante, achando que morreria a qualquer instante; seu jovem acompanhante não estava em forma muito melhor, e era constantemente obrigado a levantar-se do duro beliche onde estava esticado, porque o tonel de conhaque do navio ficava num armário debaixo dele. O visitante mais assíduo, em busca de uma talagada de fortificante, era um velho marujo taciturno chamado Koske. Cada vez que ele aparecia, Robber, que adquirira uma aversão por ele, avançava furioso. As vítimas de enjôos de mar são quase sempre praticamente incapazes de pensar em qualquer outra coisa. Mas enquanto o rapaz tentava desesperadamente afastar Robber de Koske, ele pode ter vislumbrado que essa experiência caótica nada mais era do que a infeliz culminação física de toda a sua vida caótica dos últimos cinco anos. E como seu nome era Richard Wagner, a lenda do Holandês Voador pode ter passado por sua cabeça, já que ele vinha conjecturando a possibilidade de utilizá-la como tema de uma ópera.

De qualquer maneira, houve tempo de sobra para reflexão, pois o navio já se fizera ao mar há uma semana, antes de enfrentar a tempestade, nas águas calmas do Báltico. Apesar de seu temperamento extraordinariamente jovial, ele deve de ter ruminado algumas idéias ligeiramente desagradáveis. Que loucura havia sido deixar-se pegar na engrenagem da vida pequena e mesquinha dos teatros de província alemães! É verdade que ele não tivera muita opção. Quando, como um formando de vinte anos, da Universidade de Leipzig, precisou encontrar algum tipo de trabalho, a única coisa que realmente o interessava era a ópera; e seu irmão mais velho, Albert, o principal tenor da ópera da pequena cidade de Würzburg, conseguiu para ele o cargo de ensaiador do coro. E lá, durante as férias de verão, ele começou sua primeira ópera, *Die Feen* (As Fadas), completando-a seis meses depois, após ter vencido seu contrato de Würzburg. E que azar a obra teve! Quando, ao voltar à casa de seus pais, em Leipzig, ele a ofereceu à importante ópera local, a direção não a recusou, mas encontrou sempre um pretexto para adiá-la, até tornar-se óbvio que não tinham a intenção de encená-la.

Desta forma, precisando ainda de um trabalho, ele recebeu uma oferta — graças à direção da Ópera de Leipzig, que o queria distante — para ser diretor musical da companhia teatral de Magdeburg, que montava tanto peças curtas quanto óperas. A oportunidade pareceu-lhe maravilhosa — até que ele se apresentou para uma entrevista com o diretor, o velho Bethmann, e ficou-lhe tamanha impressão de miséria e de incompetência, que teriam deixado qualquer um deprimido. Na verdade ele esteve a ponto de recusar a oferta, quando — que é o destino! — deparou-se com a mais bela atriz da ala dramática da companhia, Minna Planer, e prontamente mudou de idéia. Por que deixou-se ele levar de tal forma por sua beleza, frescor e encanto, sua serenidade e auto-confiança, suas roupas es-

crupulosamente limpas e arrumadas, a ponto de não mais considerar a total pobreza da atmosfera que reinava na companhia, e aceitar o cargo? Tarde demais para questionamentos; em um ano eles estavam noivos, e logo a seguir ela tornou-se sua esposa, para o melhor e para o pior.

Ah, aqueles dois anos em Magdeburg! — nada além de trabalho duro e pagamento minguaço. O salário em si teria sido a conta exata para viver, se tivesse sido pago regularmente. Mas o velho e incompetente Bethmann só poderia manter de pé a companhia remunerando mal os artistas. Houve também o problema de Minna ter tantos “admiradores” entre os freqüentadores habituais do teatro, fonte constante de ciúmes. Ainda assim, como diretor musical de vinte e um anos da companhia, ele teve possibilidade de demonstrar do que era capaz: conquistou o respeito dos artistas, elevou o padrão das apresentações e, em meio a muitas óperas de segunda, conseguiu encenar uma ou duas apresentações de *Fidelio* e *Der Freischütz* (O Franco-Atirador). Nada mal para quem não tinha qualquer experiência e que havia aprendido o ofício no tapan! Mas ele vinha o tempo todo vivendo de crédito, acumulando dívidas: tinha-se visto constangido a tomar dinheiro emprestado e a empenhar ou vender alguns pertences preciosos — e ainda assim não conseguira colocar o nariz para fora d’água. Vez por outra talvez ele tenha gasto demais; mas com o que Bethmann lhe pagava, ele teria que tomar emprestado de qualquer maneira.

Finalmente, ao fim desse período de dois anos, ele reivindicou o direito de uma récita em seu benefício, no encerramento da temporada. A idéia inicial era de que ele deveria de reger duas apresentações de sua nova ópera, *Das Liebesverbot* (O Amor Proibido), que ele tinha conseguido escrever em Magdeburg, e com a receita de uma dessas récitas pagar suas dívidas mais prementes. E em que catástrofe tudo se transformou! Pouco antes do evento, aconteceu o que vinha sendo esperado há muito tempo: Bethmann estava a ponto de falir; e os artistas, com salários atrasados acumulados, começaram a abandonar o navio que naufragava. Ainda assim, um bom número deles — abençoados seus corações! — concordou em juntar forças em torno de seu jovem diretor musical, permanecendo sem pagamento por uma ou duas semanas, para ensaiar e se apresentar em sua ópera. Mas, ingênuo como era, foi iludido por Bethmann, concordando que a receita da primeira noite seria destinada a pagar o novo cenário que a ópera exigia, ficando o resultado da segunda em seu benefício. Bethmann havia atinado que com o pequeno tempo disponível para os ensaios, a estréia seria um fiasco, e a platéia da primeira noite iria espalhar a notícia com tal rapidez, que ninguém compareceria para a outra récita.

Bethmann estava coberto de razão! A apresentação da noite de estréia tinha sido lamentável: os cantores ainda não sabiam inteiramente suas partes, e recorriam a fragmentos de outras óperas quando esqueciam suas linhas; e já que por razões de economia os libretos — que eram habitualmente distribuídos à platéia — não haviam sido impressos, nenhum dos espectadores tinha a menor idéia do que deveria estar acontecendo no palco. Na récita seguinte — a que seria em benefício dele! — o teatro estava quase vazio e, mesmo que assim não fosse, o espetáculo não aconteceu. Justamente antes de a orquestra atacar a abertura, o marido da *prima donna* avançou sobre o segundo tenor, que ele estava convencido de ser seu amante, e toda a companhia envolveu-se na briga, contente de encontrar uma oportunidade de botar para fora seus ressentimentos e frustrações de toda uma temporada. Era demais para sua segunda ópera! Este foi o fim da companhia de Bethmann e da estada de Wagner em Magdeburg — mas os credores permaneciam em seus calcanhares.

Depois disso, Minna foi contratada pelo teatro de Königsberg e ele, como um consumado idiota, seguiu-a unicamente para estar perto dela. Minna naturalmente reivindicou para ele o cargo de dire-

tor musical, mas o titular, Louis Schuberth, não se mostrava disposto a ceder seu lugar. Ele tinha vindo apenas temporariamente do Teatro Alemão de Riga, que estava sendo reconstruído, mas não tinha pressa em voltar para lá, para sua esposa, já que havia-se apaixonado pela *prima donna* de Königsberg. A administração precisava de um regente suplenente, e tudo o que ele tinha a fazer era aceitar a pequena paga que lhe ofereciam como assistente de Schuberth, conviver com a irritante certeza de que Schuberth nunca lhe permitiria reger um espetáculo, e endividar-se cada vez mais. De qualquer maneira, que mais poderia ele esperar fazer em Königsberg, tão distante dos centros da cultura alemã, uma cidade perdida na província da Prússia Oriental, no longínquo nordeste da Alemanha, às portas da Rússia?<sup>1</sup>

Pois foi lá, naquele lugar impraticável, que casou-se com Minna — e justo na manhã seguinte era chamado diante do magistrado para responder às demandas de seus credores de Magdeburg! Ele conseguiu se safar através de uma artimanha jurídica sugerida por um astucioso advogado; mas nesse meio tempo suas dívidas avolumavam-se. E assim escoou-se um ano em brancas nuvens. Ele tinha pelo menos feito um bom amigo — o inveterado freqüentador de teatro, Abraham Möller, que possuía reservas inesgotáveis de experiência e recursos, e um vasto número de contatos, no teatro e fora dele. Foi Möller que veio em seu auxílio quando a ele e a Minna foram oferecidos contratos duvidosos em Danzig. Möller deixou a administração de Königsberg em suspense com o risco de perder Minna. Como resultado, Wagner acabou por ganhar um novo contrato, que o fazia diretor musical a partir da Páscoa seguinte. Schuberth deixou o cargo pontualmente em abril, e a nomeação entrou em vigor. Mas um mês depois, como em Magdeburg, o teatro falia. Ele estava mais uma vez desempregado!

Foi então, quando enfrentava o momento mais crítico, que Minna o deixou! Sua serenidade e auto-confiança tinham-se finalmente rompido diante dos contínuos empréstimos, do empenho e venda de bens queridos, da cobrança dos credores e de sua existência do dia-a-dia. Ela fugiu em companhia de um daqueles “admiradores” que sempre a cercaram. Abandonado pela esposa, a quem sempre se voltava em busca de consolo, ele perdeu a cabeça. Acabou por seguir os passos dela até a casa dos pais, em Dresden, e tentou chamá-la à razão, implorou. Quando viu que tudo seria em vão, deu início ao processo de divórcio. Nesse meio tempo assumiu o posto de diretor musical no Teatro Alemão de Riga (para onde Schuberth não havia retornado); e como a *prima donna* havia acabado de fugir com o adiantamento de seu contrato, ele colocou no lugar dela a irmã de Minna, Amalie, uma boa cantora e também boa moça, em quem ele havia confiado. Depois disso, Minna escreveu-lhe uma carta longa, contrita, confessando sua infidelidade, pedindo perdão e suplicando para que voltasse. Wagner naturalmente a aceitou de volta de braços abertos; mas com uma condição: ela abandonaria o palco, para acabar de uma vez por todas com sua corte de “admiradores”. Minna concordou de bom grado — e isso naturalmente colocou sobre os ombros do compositor uma responsabilidade dobrada: prover a subsistência dos dois.

Desta forma, as dívidas voltaram mais uma vez a crescer. É o caso de voltar-se a insistir: que diabo esperava ele conseguir em Riga? — que apesar de distar apenas quarenta léguas de Königsberg, ainda não estava na Alemanha — não passava de uma cidade em uma das províncias fronteiriças da Rússia<sup>2</sup>, contando apenas com uma pequena colônia alemã. Que dois anos amaldiçoados passou lá! O diretor do teatro, Holtei, era-lhe hostil: tinha um gosto musical dos mais rasteiros, e encarava o teatro, dramático ou lírico, como um local de puro entretenimento — quanto mais frívolo, melhor. Ainda assim, apesar desse filisteu, ele encenou quinze óperas no primeiro ano e vinte e quatro no segundo. E, o que é melhor: afastou-se inteiramente

da vida social de Riga, conseguindo completar os dois primeiros atos de sua terceira ópera, *Rienzi*. Mas, desgostoso com a incompetência dos teatros provinciais da Alemanha, ele planejou e compôs essa obra de tal forma, que nenhum daqueles teatros a comportaria — Wagner na verdade a havia composto sonhando com a Meca de todos os compositores líricos: a Ópera de Paris! Ele havia escrito cartas buscando o apoio de Meyerbeer, o mais famoso compositor de então na França, e de Scribe, um libretista quase tão famoso quanto o músico. A este, enviou um libreto de sua autoria, vertido para o francês, e a partitura de *Das Liebesverbot*; e começou a pensar numa maneira de ir ele próprio para Paris. Uma “conquista de Paris” — isto era algo para se pensar! Em meio a essas elocubrações, mais um choque: ficou horrorizado ao constatar que Holtei, um homem da mais baixa reputação, tinha-se tornado mais um dos “admiradores” de Minna, e que vinha fazendo sobre sua esposa inconvenientes investidas. Ela as havia repellido, a bem da verdade. Mas ainda assim, Holtei tinha sido forçado pela opinião pública a abandonar logo em seguida seu posto em Riga. Mas antes de partir, Holtei tomou conhecimento de que as dívidas de seu diretor musical estavam-se tornando um caso de polícia e concluiu um acordo secreto com seu sucessor, de que um outro músico deveria ser indicado para o cargo.

Foi assim que Wagner foi substituído por — logo quem! — Heinrich Dorn, seu velho amigo dos tempos de Leipzig, que havia aparentemente ficado encantado em recebê-lo em Riga, tendo-o inclusive ajudado a sentir-se em casa. E que agora ansiava apenas por tomar seu emprego! É verdade que seu débito havia atingido um nível insuportável — os credores de Riga tinham conseguido inclusive bloquear seu passaporte, de modo que ele não pudesse deixar a cidade. Não se pode porém deixar de dizer que a direção do teatro estava ansiosa — como ele mesmo chegou a perceber — para que ele conseguisse fugir, livrando a todos do problema. Mostraram-se até muito propensos a ajudá-lo, oferecendo-lhe dois meses de salário adiantado, apenas para que ele fosse embora. Diante disso, resolveu matar dois coelhos com uma só cajadada: fugiria de Riga, indo, não para qualquer cidadezinha de província da Alemanha — já estava saturado dessa via crucis! —, mas para Paris, onde estaria fora do alcance legal de seus credores e faria, com *Rienzi*, um grande sucesso. Voltaria então para casa rico e famoso. Ele tinha começado a aprender francês, aproveitando-se habilmente das aulas, para fazer, com seu professor, uma versão francesa do texto dos dois primeiros atos de *Rienzi*. Minna, provavelmente sem se dar bem conta de quão desesperada seria a empresa, concordou em acompanhá-lo. Wagner não teve coragem de desfazer-se do fiel Robber — o que significava que não poderia seguir viagem em diligência (imaginem um enorme terra-nova espremido numa diligência em um trajeto desses!), tendo que pegar um navio (que de qualquer maneira era mais barato — uma consideração crucial).

Naturalmente teria que ser num navio alemão — e isso levantou a questão de como, sem passaporte, ele poderia cruzar a fronteira russa para a Alemanha. Felizmente Abraham Möller veio em seu auxílio — não apenas neste particular, mas provendo-lhe também de algum dinheiro. Não obstante, se ele tivesse sabido tudo o que sabia então, teria entendido essa desesperada fuga pela fronteira? — especialmente considerando os sofrimentos a que iria expor Minna? É claro que Möller não lhes contou quão perigoso seria, para não alarmá-la. Ele os pegou numa carruagem — céus, isso fora apenas cerca de três semanas atrás! — e conduziu o casal durante dois dias para um lugar perto da frontei-

1. Desde a última guerra ela foi absorvida pela União Soviética, com o nome de Kaliningrado.

2. E ainda é: no entre-guerra (1918-39) foi a capital da independente Latvia.

# THE FLYING DUTCHMAN;

OR, THE PHANTOM SHIP:

A NAUTICAL DRAMA,

In Three Acts,

By EDWARD FITZ-BALL, Esq.,

Author of *The Pilot*, *The Inchcape Bell*, *The Earthquake*, *The Devil's Elixir*, &c.

THE MUSIC BY G. H. RODWELL, ESQ.

PRINTED FROM THE ACTING COPY, WITH REMARKS,  
BIOGRAPHICAL AND CRITICAL; BY D—G.

To which are added,

A DESCRIPTION OF THE COSTUME,—CAST OF THE CHARACTERS,  
ENTRANCES AND EXITS,—RELATIVE POSITIONS OF THE PER-  
FORMERS ON THE STAGE,—AND THE WHOLE OF THE STAGE  
BUSINESS.

As performed at the  
ADELPHI THEATRE.

EMBELLISHED WITH A FINE ENGRAVING

By MR. BONNER, from a Drawing taken in the Theatre by  
MR. R. CRUIKSHANK.

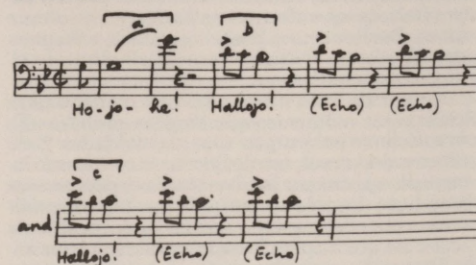
LONDON:

JOHN CUMBERLAND, 6, BRECKNOCK PLACE,  
CAMDEN TOWN.

ra russa. Só que a fronteira estava repleta de guaritas de cossacos — uma a cada quilômetro. Möller usara seu passaporte para cruzar a fronteira com a carruagem, deixando-os com um guia de confiança numa taverna de contrabandistas, que estava cheia de judeus poloneses. Então, quando a noite havia caído, o guia os conduziu ao topo de uma colina, e os aconselhou a descerem para o outro lado o mais rápido que pudessem, a saltarem o fosso, e a continuarem correndo, até que estivessem fora do alcance dos rifles dos cossacos — já que as sentinelas tinham ordem de atirar em quaisquer fugitivos, mesmo depois que tivessem cruzado a fronteira. E eles o fizeram! Robber, graças a Deus, não latiu uma vez sequer — mas em que estado se encontrava Minna! Wagner mal sabia como desculpar-se por tê-la submetido a tamanha aventura.

Möller tinha estado esperando por eles do outro lado, e logo estavam em sua carruagem, rolando para Arnau, onde descansariam por alguns dias. Entrar em Königsberg estava fora de questão (credores!); então eles não tiveram outra alternativa, senão seguir por estreitos caminhos secundários rumo a Pillau, o porto de Königsberg, a cinqüenta quilômetros rio abaixo. Mal haviam atingido metade do percurso e a carruagem virou, nas proximidades de uma fazenda. Com o tranco, Minna sofrera uma série de equimoses, e ele esperava que as conseqüências não fossem mais sérias. De qualquer maneira, isso significou um atraso de mais uns dias, até que ela se recuperasse. Vencidas as peripécias, eles terminaram por alcançar o porto, sendo embarcados como clandestinos no *Thetis*. Para passarem pela polícia aduaneira, esconderam-se num pequeno bote. Mas logo estariam colados ao navio, controlando a operação de içar Robber para bordo, dentro de um balaio de cordas. De lá para o porão, onde ficaram escondidos até que os inspetores aduaneiros liberassem o navio. Finalmente zarparam. Graças a Deus aqueles cinco anos pavorosos haviam chegado ao seu termo! Eles estavam indo para Londres, *en route* para Paris e para o sucesso! Foi então que, no Cattogat, desabou a tempestade.

No dia seguinte o comandante do *Thetis* foi forçado, pela violência do vento oeste, a buscar refúgio no litoral sul da Noruega. Enquanto o vento os impelia com grande velocidade em direção à costa, Wagner voltou mais uma vez ao convés e ficou contemplando, enquanto eles passavam pelo labirinto de rochas que se projetavam no calmo abrigo do fiorde. Quando entraram no porto da pequena aldeia pesqueira de Sandwike, a equipagem lançou âncora e recolheu as velas, cantando enquanto trabalhava. E Wagner foi tomado, segundo disse, por um indescritível sentimento de bem-estar, enquanto o breve grito ritmado dos marujos era respondido pelo eco das enormes paredes graníticas do fiorde:



Ex. I

De qualquer forma, deve de ter acontecido algo de parecido, já que Wagner declarou mais tarde que a melodia penetrou nele como um augúrio de boa sorte, transformando-se logo na Canção dos Marinheiros do *O Navio Fantasma* (o Ex. I é cantado no início da ópera pelos marinheiros do navio norueguês, quando eles escapam da tempestade — adivinhem onde? — em Sandwike).

Wagner, como foi dito acima, já vinha há algum tempo considerando a lenda do Holandês Voador como a base para uma ópera. Ele indagou dos marinheiros do *Thetis* qual a versão que eles conheciam, e agora, depois de sua própria experiência de uma tempestade no mar, o tema começou a assumir um colorido poético e musical definidos em sua mente. A lenda era mesmo do tipo que o atraía: de como um comandante holandês, há muitos anos atrás, tinha sido colhido por uma violenta tempe-

tade, quando tentava dobrar um certo cabo; e de como ele havia jurado continuar tentando, se necessário até o dia do Juízo Final, e de como ele ainda estava navegando por essas águas, trazendo mau tempo — e cartas para parentes e namoradas há muito mortos — para qualquer navio que o avistasse. Numa versão da lenda encenada em Amsterdam, e reportada por Heine em um de seus artigos lidos por Wagner, a história havia adquirido uma forma inteiramente adequada a uma ópera. Segundo ela, o juramento do holandês tinha sido feito no sentido de atingir sua meta, “embora todos os demônios do inferno tentem me impedir”, e o Diabo fez com que ele cumprisse a palavra, condenando-o a singrar para sempre; mas era-lhe permitido ir à terra uma vez a cada sete anos, para ver se conseguiria encontrar uma mulher que o amasse fielmente até a morte, redimindo-o assim de sua maldição. A redenção através do amor — esta era uma idéia muito cara a Wagner!

Mas muitas tempestades ainda estavam por vir — naturais ou nem tanto — antes que o compositor pudesse criar sua grande tempestade dramático-musical. Ao tentar sair de Sandwike, em 31 de julho, o *Thetis* chocou-se violentamente de lado com um recife, e teve que voltar ao porto para uma inspeção. Ao levantar âncora no dia seguinte, a embarcação navegou por vários dias tranquilamente no Mar do Norte, e um forte vento norte a impeliu na direção correta, de modo que a viagem parecia aproximar-se do seu fim. Foi quando, a 6 de agosto, desencadeou-se uma tempestade ainda pior, com ondas gigantescas e apavorantes relâmpagos e trovoadas, que se abateram por dois dias. Minna, em sua angústia, rezava para ser fulminada por uma raio antes que morresse afogada, e implorava a Wagner para que se abraçasse com ela, para que pudessem morrer juntos se o navio naufragasse. O próprio Wagner sentia-se amedrontado, menos pela tempestade — por mais apavorante que ela fosse — do que pelos olhares malignos dos marinheiros e mesmo do comandante: obviamente eles o encaravam como uma espécie de Jonas, que tinha trazido para o navio sua má sorte. E eles não deixavam de ter razão: ele era um tipo suspeito, que tinha sido embarcado clandestinamente, obviamente fugindo de seu país; e considerando que a viagem inteira para Londres durava quase sempre oito dias no verão, navegando em águas tranquilas, eles já estavam no mar há quase três semanas.

Quando a tempestade eventualmente se acalmava, o céu permanecia encoberto, de modo que o comandante não tinha idéia de sua posição. Cheio de esperança, ele seguiu um navio que encontrava-se um pouco adiante — apenas para vê-lo encaixar num banco de areia. O *Thetis* encontrava-se evidentemente perto dos perigosos bancos de areia que margeiam a costa holandesa; e por uma rápida mudança de curso foi logo impellido para as proximidades da costa inglesa, nas cercanias de Southwold. Aproximava-se agora dos igualmente perigosos bancos de areia ingleses, que diziam serem responsáveis pelo naufrágio de cerca de quatrocentos navios por ano. Mas graças à hábil manobra de um piloto inglês grisalho, que veio para guiá-los — aos olhos de Wagner ele irradiava confiança e parecia a “garantia absoluta de uma rápida libertação de nossas terríveis aflições” — ele pôde ancorar no estuário do Tâmsa vinte e quatro horas mais tarde. Era 12 de agosto; tinha sido uma viagem longa e extenuante; mas os aborrecimentos de Wagner estavam apenas começando.

Wagner e Minna (e Robber) ficaram uma semana em Londres, em parte para dar a Minna um necessário repouso, e em parte para passearem um pouco. Embarcaram em seguida no vapor para a Bolonha, onde permaneceram por um mês, para que Wagner pudesse completar a orquestração do segundo ato de *Rienzi*. Por um feliz acaso, aconteceu de Meyerbeer também encontrar-se lá — desta forma, a “conquista de Paris” poderia ser iniciada antes. Meyerbeer, um judeu cosmopolita de Berlim, ficou provavelmente impressionado com a extraordinária energia, intensidade e vivacidade desse jovem desconhecido. De qualquer maneira mostrou-se muito solícito e encorajador. Ele ouvia atentamente, enquanto Wagner lia-lhe o libreto dos três primeiros atos de *Rienzi*. Meyerbeer prometeu ler toda a partitura dos dois primeiros atos da ópera que Wagner colocou em suas mãos; ele escreveu para Wagner cartas de recomendação a Duponchel, o diretor da Ópera de Paris, e a seu gerente, Habeneck. Cheios de esperança, os Wagner partiram pa-

ra Paris, lá chegando a 17 de setembro.

O período de dois anos e meio que Wagner passou em Paris, mostrou-se o mais infeliz de sua vida: longe de ter sido uma conquista, fora uma completa *débauche*. E não havia razão para ser diferente. Um jovem e pobre compositor de província alemão, que não tinha sequer conquistado uma reputação nacional, que dirá européia, que podia falar apenas um francês hesitante e desprovido das maneiras refinadas da sociedade parisiense, não tinha qualquer oportunidade, ainda mais de se fazer admitir ao "círculo fechado" da Ópera de Paris. Porque ela era um círculo realmente fechado: Meyerbeer, Auber, Halévy, e uns poucos outros conheciam exatamente o que o público freqüentador de ópera de Paris queria, e forneciam-lhes tão habilmente, com a ajuda do libretista Scribe, que não havia necessidade de buscar em outra parte. Mais verdadeiramente que Oscar Wilde na América, Wagner poderia ter dito: "Nada tenho a declarar além de minha genialidade." Wilde, na verdade, tinha sua grande reputação, mas de qualquer maneira, a genialidade de Wagner não tinha ainda emergido inteiramente nesta obra, nem viria a fazê-lo até que ele compusesse *O Navio Fantasma*, dois anos mais tarde. Se Meyerbeer reparou bem, ele deve ter percebido que Wagner pertencia essencialmente à Alemanha, e teria muito mais chance de ter seu valor reconhecido lá.

Duponchel, o diretor da Ópera, recebeu Wagner em seu escritório; leu impassivelmente a carta de recomendação de Meyerbeer, como se já tivesse lido mais recomendações do que poderia lembrar desse compositor, fez algumas promessas vagas, e Wagner nunca mais ouviu nenhuma palavra dele. Habeneck, o regente da Ópera, reagiu um pouco mais positivamente à carta de Meyerbeer: ele pelo menos tocou a abertura *Columbus*, de Wagner, em um de seus famosos ensaios do Conservatório, para encorajá-lo, mesmo que não a tenha aceito para execução em concerto. Logo depois, Meyerbeer pediu ao seu empresário para conseguir que três números de *Das Liebesverbot* (que Wagner havia vertido para o francês) fossem audicionados no *Théâtre de la Renaissance*, com cantores da Ópera, acompanhados por Wagner ao piano; e quando, logo em seguida, esse teatro faliu (o que estava longe de ser uma experiência nova para Wagner!), o empresário conseguiu uma audição na própria Ópera, na presença de Scribe e do diretor interino, Monnaie. A habilidade pianística de Wagner sem dúvida deixava muito a desejar, mas Scribe e Monnaie consideraram a música *charmante* (maneira quando muito polida, de nada dizer). Scribe ofereceu-se para escrever um libreto para Wagner, se a direção viesse a encomendar-lhe uma ópera — o que, Monnaie apressou-se a esclarecer, não poderiam fazer no momento, já que a fila era muito longa. Em desespero, Wagner apelou aos cantores famosos de então, oferecendo-lhes canções e árias que havia composto: educados, como soíam ser, eles as cantavam para o músico, mas declinavam de colocá-las em seus repertórios.

Meyerbeer apresentou então Wagner a Pillet, novo diretor da Ópera, e o compositor, que ainda não havia completado *Rienzi*, mostrou-lhe o enredo que havia esboçado para *O Navio Fantasma*, perguntando se ele poderia receber a encomenda e prosseguir na composição da obra para a Ópera. Pillet, dando uma espiada no enredo, limitou-se a oferecer-se para comprá-lo, de modo que pudesse ser trabalhado num libreto, sendo a música encomendada a um compositor francês. Agora tornava-se óbvio para Wagner que ele não faria nenhum progresso em Paris, e que as únicas experiências válidas lá teriam sido as poucas na área musical que a cidade tinha a oferecer. Apesar de durante toda a sua estada ele só ter visto quatro récitas na Ópera, uma delas foi de *Les Huguenots*, de Meyerbeer, que causou-lhe forte impressão.

Ele assistiu a vários concertos dados por Berlioz, e deve ter aprendido muito com a *Sinfonia Fantástica*, *Haroldo na Itália*, *Romeu e Julieta* e a *Grande Sinfonia Fúnebre e Triunfal*: sua maravilhosa orquestração, ele diria mais tarde, fê-lo sentir-se "quase como um menino de escola". Ele encontrou-se com Liszt por duas vezes, e compareceu a um de seus recitais, mas apesar de ter ficado maravilhado com seu virtuosismo, sentiu-se incomodado pela atmosfera da alta sociedade que o cercava, e não teve oportunidade de embarcar naquela profunda amizade artística e pessoal, que viria a uni-los mais tarde.

O jovem Wagner era na verdade como um peixe fora d'água na sociedade parisiense, não somente dos pontos de vista nacional e artístico, mas também — o que era mais importante — do social. Durante toda a sua estada, ele e Minna viviam com a conta do chá, próximos do zero, e às vezes abaixo dele. O primeiro alojamento deles, necessariamente barato, ficava situado numa ruela estreita, a Rue de la Tonnellerie, e era dos mais miseráveis; mesmo o fato de ter sido parte da residência em que *Molière* nascera, apesar do fato fascinar Wagner, não podia consolá-lo. O desaparecimento precoce de Robber (provavelmente roubado, suspeitava) parecia um presságio diabólico — e o que na verdade se seguiu em nada contribuiu para desmentir a idéia. O dinheiro que ele trouxera de Riga evaporou-se rapidamente, e ele e Minna viram-se constrangidos a empenhar seus presentes de núpcias, as jóias de Minna e seu guarda-roupa teatral, e até mesmo suas alianças de noivado. Em alguns casos, tiveram até mesmo que vender as cautelas dos penhores para fazer dinheiro, o que significava a perda total. Wagner ainda pode-se considerar feliz por ter encontrado um editor musical, Maurice Schlesinger — a quem foi apresentado pelo incansável Meyerbeer — que, apesar de não ter editado nenhuma das canções de Wagner, ofereceu-lhe um trabalho jornalístico, que ajudou-lhe a prover as necessidades mais prementes. Para a *Gazette Musicale* de Schlesinger, ele escreveu artigo em cima de artigo — um ou dois deles são na verdade seus melhores trabalhos literários —, mas, ainda assim, metade de sua remuneração tinha que ir para o tradutor.

Também para Schlesinger ele fez uma quantidade assustadora de trabalho mercenário. Mesmo contra sua vontade, acabou persuadido a compilar e arranjar quatorze suites de árias de óperas para a *cornet-à-piston*, um projeto que logo chegou ao fim, exatamente pela razão que havia motivado sua relutância: a de ele não conhecer nada do instrumento, e ter escolhido tonalidades muito altas para ele. Mas quando a ópera de Donizetti *La Favorite* estreou na Ópera, transformando-se em imediato sucesso, Schlesinger pediu a Wagner que preparasse a partitura vocal completa, assim como os seguintes arranjos da obra integral: para solo de piano, dueto de piano, quarteto de cordas, dois violinos e *cornet-à-piston*. E no caso de Wagner querer recusar, vitimado pela pobreza como estava, Schlesinger persuadiu-o com facilidade, pagando-lhe adiantadamente metade de seu ganho, de 1100 francos. Além desse trabalho fastidioso e interminável, Wagner sujeitou-se, por 300 francos, a revisar as provas da partitura integral da ópera. E, no entanto, foi Schlesinger o responsável pela única apresentação pública de uma das obras de Wagner durante toda a sua estada em Paris: num concerto da *Gazette Musicale*, a mesma Abertura *Columbus*, que Habeneck havia ensaiado, foi tocada — ou melhor, assassinada, devido à inabilidade do trompetista francês em enfrentar as partes muito altas e suaves. Berlioz estava presente, e disse a Wagner, com um sorriso triste, que era difícil alcançar alguma coisa em Paris.

Apesar de todo o trabalho que realizou para Schlesinger, o dinheiro que Wagner ganhava não era suficiente para suprir suas necessidades. E ele cometeu dois erros; um devido ao seu otimismo inveterado, o outro por inadvertência. A perspectiva da audição dos três números de *Das Liebesverbot* convenceu-o de que seria apenas uma questão de meses, até que a ópera fosse integralmente montada. Diante disto, mudou-se para um apartamento maior e mais caro, numa rua menos deprimente, a Rue du Helder, que locou por um ano. Ele também mandou fazer os móveis necessários a crédito, em um marceneiro do bairro. Como a ópera não foi logicamente aceita, ele viu-se logo constrangido a aceitar inquilinos, para poder pagar o aluguel. Mesmo assim, ainda não podia reunir o suficiente e decidiu mudar-se, no final do ano, para um bairro mais barato. No entanto, quando chegou o momento, desconhecendo as leis francesas, ele avisou o proprietário fora do prazo, e foi obrigado a permanecer por mais um ano na Rue Helder. Ele conseguiu sublocar a casa por um período, e alugou uma residência de verão barata em Meudon, um subúrbio de Paris. Quando as pessoas a quem ele havia sublocado o imóvel foram-se embora, tudo o que lhe restou fazer foi falar com o senhorio da Rue Helder, para que vendesse os móveis que ele havia deixado, para cobrir o aluguel. Nessa época ele conseguiu completar *Rienzi*, com orquestração e tu-



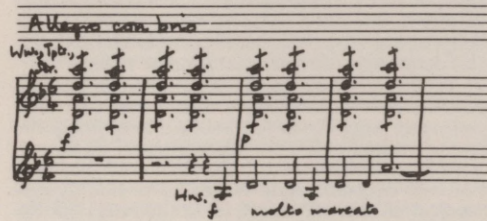
Foto acima: Richard Wagner por Ernst Kietz  
Foto à direita: página musical do coro dos marinheiros  
Fotos abaixo: desenhos de indumentárias





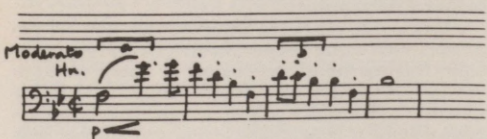
prio Brockhaus encarregou-se das despesas com sua viagem de volta a Dresden. Mas quando a 7 de abril de 1842, sua carruagem estava pronta para partir, foram Anders, Lehrs e Kietz que compareceram para as despedidas. A partida foi triste, devido ao fato de a saúde tanto de Anders quanto de Lehrs vir-se deteriorando desde que se haviam conhecido. Anders, que obviamente nada tinha a esperar do futuro, senão uma velhice solitária e doente, saiu naquele instante da vida de Wagner e da história. Lehrs, que volta e meia ficava sem conseguir aquecer seu quarto, estava manifestamente consumido pela tísica. Seu único consolo na miséria, dizia, era que Wagner, a despeito de tudo, havia conseguido completar seu *O Navio Fantasma*, que admirava enormemente. Wagner escreveu-lhe de Dresden, mas ele viria a morrer no ano seguinte. Kietz permaneceu em contato com Wagner, que reembolsou-lhe o que lhe devia quando voltou para Dresden, e ele continuou a ser, por toda a vida, um bom amigo do compositor, morrendo ainda depois dele, em 1892, como sempre, na pobreza. E naquele momento, com a carruagem prestes a partir, ele deixou uma última nota de 5 francos na mão de Wagner, para o caso de ele não ter o suficiente para a viagem. Wagner e Minna, com as lágrimas a rolar-lhes pelo rosto, arrancaram estrada afora, rumo a Dresden, a *Rienzi* e à fama.

Tudo isso aconteceu há muito tempo atrás, e tudo o que resta hoje é a música de Wagner, especialmente *O Navio Fantasma*, uma obra de prodigiosa genialidade. Será que ele o teria um dia criado, se o *Thetis* tivesse navegado tranquilamente para a Inglaterra em oito dias, como deveria ter acontecido, e se suas experiências em Magdeburg, Königsberg, Riga e Paris não tivessem desencadeado a tempestade da vida em seus ouvidos, determinando-o a afirmar-se diante da ameaça de um naufrágio quase total? Wagner poderia tê-lo feito, mas ela provavelmente não se teria tornado a obra tempestuosa que é. Um regente contemporâneo costumava queixar-se de que "onde quer que se abra a partitura, o vento sopra sobre você". A ópera permanece como um autêntico desafio artístico às ameaçadoras circunstâncias de sua vida, expressadas através de uma velha lenda de um marinheiro que desafia o pior de sevícias que o mar poderia fazer, que "tomaram um colorido poético e musical definidos" da tempestade do Cattegat e do Skagarrak e da chegada a salvo num porto norueguês. Wagner identificava-se intensamente com o Holandês Voador, como se pode sentir já bem no início da Abertura, onde quatro trompas lançam o tema audaz do comandante do navio, guiado pelo destino contra o vento uivante colocado em movimento pelas madeiras agudas, trompetes e cordas em tremolo.



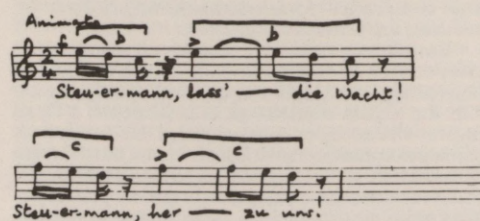
Ex. 2

A qualidade essencial da música de *O Navio Fantasma* é sua inextinguível vitalidade. E é notável quanto do melhor material temático (o mais caracteristicamente wagneriano) é derivado desse "breve grito rítmico" dos marinheiros do *Thetis*, enquanto recolhiam suas velas no porto de Sandwike, com seu eco sendo devolvido pelas paredes do fiorde (Ex. 1). Não somente o tema do primeiro ato, que antecipa a melodia da dança dos marinheiros noruegueses no terceiro ato —



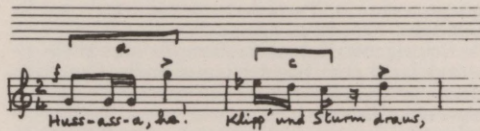
Ex. 3

— mas (ecos e tudo) a canção dos marinheiros noruegueses do mesmo terceiro ato —



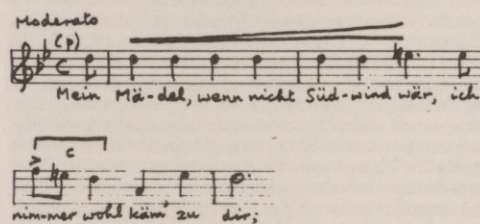
Ex. 4

— e sua terceira melodia:



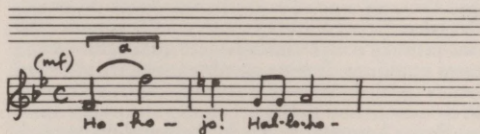
Ex. 5

Numa veia mais lírica, ela está presente na segunda melodia da canção do piloto, no primeiro ato —



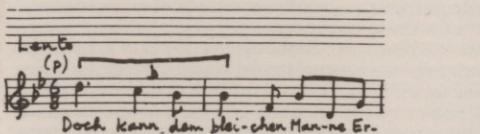
Ex. 6

— e (oitava crescente) também no início de sua terceira melodia:

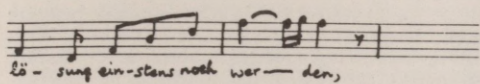


Ex. 7

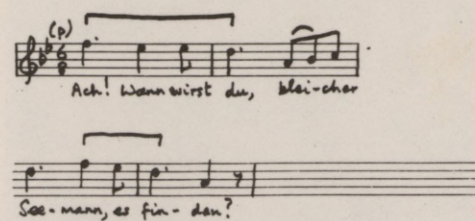
Em veia ainda mais lírica, ela abre o tema de Senta, a mulher que viria trazer a redenção ao holandês —



Ex. 8

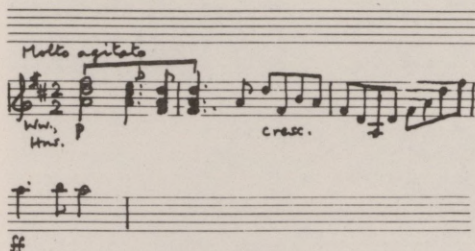


— assim como seu segundo tema:



Ex. 9

A derivação do tema de abertura de Senta é mais facilmente percebido na forma rápida, barulhenta e viva que ele assume no final da ópera (e da Abertura), quando Senta assume integralmente seu papel de redentora:



Ex. 10

Na verdade, a única música autenticamente wagneriana na obra que não é derivada do "breve grito rítmico" é a do próprio holandês, e em particular seu tema pessoal (Ex. 2). Mas afinal, o holandês não é um membro do mundo normal, da vida cotidiana: ele é uma figura misteriosa, solitária, predestinada, que vem do além, do desconhecido. E é sem dúvida por isso que Wagner, pressionado como era pelos imperativos anti-sociais de sua fantástica genialidade, identificou-se tão instintivamente com o holandês. O que o Ex. 2 exprime é o objetivo de vida não somente do Holandês Voador, mas do próprio Wagner.

DERYCK COOKE

Tradução: M. W. Jr.



# ARGUMENTO

## PRIMEIRO ATO

Daland, um navegador norueguês, vê-se forçado por uma severa tempestade a ancorar numa baía protegida, não muito distante de sua cidade. Ele e sua tripulação descem para repousar, enquanto esperam por melhor tempo, deixando o piloto sozinho montando guarda. Ele entoia uma canção (*Mit Gewitter und Sturm auf fernem Meer*) para manter-se desperto, mas acaba sendo vencido pelo sono. Um sinistro navio de mastros negros pode ser agora divisado. Ele vem flutuando e ancora na baía. Enquanto a fantasmagórica tripulação recolhe as velas vermelho-sangüíneo, seu comandante vem à terra. Trata-se do lendário Holandês Voador, condenado com sua tripulação a singrar os mares por toda a eternidade. A cada sete anos é-lhe concedido desembarcar em busca de uma mulher fiel, que possa redimi-lo. Mas até então nenhuma mulher fora-lhe fiel, fazendo com que ele anseie apenas pela morte e pelo esquecimento (*Die Frist ist um*). Ao despertar, Daland depara-se com o estranho navio e saúda seu comandante. O holandês conta-lhe como por anos a fio tem desejado um lar. Ordena que lhe tragam de bordo um escrínio cheio de riquezas, e promete a Dalanda toda a sua fortuna se este oferecer-lhe hospitalidade. Ao tomar conhecimento de que Daland tem uma filha, pergunta-lhe se ela poderia vir a ser sua esposa. O norueguês fica encantado com a perspectiva de um genro tão abastado (*Wie? Hört'ich recht? Meine Tochter sein Weib!*) e o holandês vê mais uma vez renovar-se dentro de si a esperança. Nesse meio tempo, a tempestade amainou e sopra um vento sul que lhes permite retomar a viagem de volta à casa. Ao canto da tripulação, o navio de Daland faz-se ao mar; o holandês promete segui-lo assim que seus homens tenham descansado.

## SEGUNDO ATO

Na casa de Daland as moças estão cantando e fiando sob a supervisão da velha ama, Mary (*Summ und Brumm, du gutes Rädchen*). Somente Senta, filha de Daland, não toma parte. Ela está absorta contemplando um quadro na parede, que retrata o Holandês Voador. As outras moças fazem troça de seu interesse pelo retrato, e brinçam dizendo-lhe que o caçador Erik, que a ama, ficará enciumado. Senta pede a Mary que cante para elas a velha balada do Holandês Voador, cuja sorte a emociona tão profundamente. A ama nega-se a fazê-lo e a própria Senta canta a lenda do comandante cujo juramento blasfematório condenou-o a errar pelos mares, até que possa encontrar uma mulher que lhe seja fiel até a morte (*Traft ihr das Schiff im Meere an*). Senta canta com crescente emoção, e as companheiras a ouvem cada vez com maior interesse, acabando por juntar-se a ela no refrão. No final, presa de selvagem excitação, Senta declara que deseja ser a redentora do holandês. Mary e as moças ficam horrorizadas, assim como Erik, que acabara de entrar trazendo a notícia da volta de Daland. Mary conduz as fiadeiras para fora, para prepararem as boas-vindas aos marinheiros, mas Erik retém Senta e tenta fazê-la voltar a si de sua obsessão pela lenda do holandês. Sabedor de que o pai de Senta não aceitaria um genro pobre, Erik tenta conseguir pelo menos alguma retribuição pelo amor que volta de declarar-lhe (*Mein Herz voll Treue bis zum Sterben*). Senta responde de maneira evasiva. Erik narra-lhe um sonho que tivera, onde vira Senta e o misterioso navegante do quadro desaparecerem juntos no

mar (*Auf hohem Felsen lag ich träumend*). Senta interpreta o sonho como uma profecia, declarando em êxtase que se sacrificaria pelo holandês. Erik sai desesperado, e Senta volta a contemplar o retrato. Nesse momento Daland entra com o holandês. Ele explica à sua filha que o estrangeiro desejaria casar-se com ela, e fala de sua riqueza, ao mesmo tempo em que louva a beleza da filha para o holandês (*Mögst du, mein Kind, den fremden Mann willkommen heissen*). Querendo deixá-los a sós, ele sai. O holandês contempla Senta sonhadamente, reconhecendo nela a mulher fiel com que sempre sonhou (*Wie aus der Ferne längst vergang'ner Zeiten*). Senta, por sua vez, promete que cumprirá os desígnios de seu pai, e quando o holandês fala de seus sofrimentos ela demonstra sua simpatia e compaixão. O holandês acredita que seus sofrimentos estão por acabar. Quando Daland volta para saber o que Senta havia decidido, ela jura que irá casar-se com o estrangeiro, sendo-lhe fiel até a morte.

## TERCEIRO ATO

A bordo de seu navio, os marinheiros de Daland estão celebrando a volta ao lar (*Steuermann! Lass die Wacht!*). O navio do holandês está ancorado bem perto, sinistramente sombrio e silencioso. Chegam as moças trazendo comida e bebida e chamando os marinheiros holandeses para virem juntar-se a eles. Mas não há qualquer resposta, nem mesmo quando os marinheiros de Daland renovam o convite. Os marujos noruegueses divertem-se dizendo que aquele deve ser o navio fantasma do Holandês Voador, e retomam seu canto, enquanto as moças se afastam. Nesse momento inicia-se um movimento crescente no navio do holandês, que começa a jogar e a sacudir, como se estivesse sendo acossado por uma tempestade, apesar do mar no porto permanecer perfeitamente calmo. Irrompe então um coro selvagem, fantasmagórico, fazendo calar o canto dos noruegueses, que fogem apavorados, perseguidos pelas risadas zombeteiras e enregelantes da tripulação espectral do holandês. Senta sai da casa de seu pai, seguida por Erik, que a censura amargamente por sua decisão de casar-se com o estrangeiro, que ele havia reconhecido pelo fatídico quadro. Erik insiste em que Senta havia jurado anteriormente ser fiel apenas a ele (*Willst jenes Tages du dich nicht entsinnen*). Surpreendendo a conversa, o holandês julga ter sido mais uma vez traído. Apesar de todas as que quebra o juramento feito a ele serem eternamente condenadas, Senta ainda não lhe jurara fidelidade diante de Deus. Assim sendo, o holandês resolve abandoná-la imediatamente, para evitar sua ruína. Erik chama Daland, Mary e os outros, para que o ajudem a impedir Senta de seguir o estrangeiro, que agora revela abertamente sua identidade como o Holandês Voador, antes de mais uma vez fazer-se ao mar. Senta consegue livrar-se, volta a jurar que será fiel ao holandês até a morte, e atira-se ao mar. O navio maldito lança-se sobre as ondas e vê-se, à distância, as formas transfiguradas de Senta e do holandês, alçando-se juntos rumo ao céu.

Gerd Uekermann  
Tradução: M. W. Jr.





## Disco I

Lado um: *Abertura* (11:00)  
*Hojhe! Hallojo* (10:26)

Lado dois: *Die Frist ist um, und abermals verstrichen sind sieben Fahr.* (20:05)

## Disco II

Lado um: *Wie? Hört'ich recht?* (20:35)

Lado dois: *Fohohoe! Fohohohoe!* (23:55)

## Disco III

Lado um: *Mögst du, mein kind, den fremden Mann willkommen heissen!* (27:50)

Lado dois: *Haha! Wahrhaftig, sie sind todt.* (24:25)



H. Cruikshank, Del.

Bonner, Sc.

### The Flying Dutchman.

The Crew. Ah! Vanderdecken! Vanderdecken!

Act II. Scene 3.

## ERSTER AUFZUG

### SEITE 1

*Steiles Felsenufer, weite Aussicht auf das Meer. Finsteres Wetter; heftiger Sturm. (Das Schiff Dalands hat soeben dicht am Ufer Anker geworfen; die Matrosen sind in geräuschvoller Arbeit beschäftigt, die Segel aufzuhissen, Tauen aufzuwerfen, usw. Daland ist an das Land gegangen; er ersteigt einen Felsen und sieht landeinwärts, die Gegend zu erkennen.)*

**Matrosen** (während der Arbeit)  
Hojhe! Hallojo! usw.  
Ho! He! He! Ja! usw.  
Hallohe! usw.

**Daland** (kommt vom Felsen herab)  
Kein Zweifel! Sieben Meilen fort trieb uns der Sturm vom sich'ren Port. So nah' dem Ziel nach langer Fahrt, war mir der Streich noch aufgespart! So nah' dem Ziel usw.

**Steuermann** (vom Bord durch die hohlen Hände rufend)  
Ho! Kapitän!

**Daland**  
An Bord bei euch, wie steht's?

**Steuermann**  
Gut, Kapitän! Wir haben sich'ren Grund.

**Daland**  
Sandwike ist's, genau kenn ich die Bucht. Verwünscht!  
Schon sah am Ufer ich mein Haus, Senta, mein Kind, glaubt' ich schon zu umarmen; da bläst es aus dem Teufelsloch heraus!  
Wer baut auf Wind, baut auf Satans Erbarmen! usw.  
Wer baut auf Wind, usw.  
(an Bord gehend)  
Was hilft's? Geduld!  
Der Sturm lässt nach; wenn so er tobte, wäht's nicht lang.  
(am Bord)  
He, Bursche! Lange wart ihr wach, zur Ruhe denn! Mir ist nicht bang.  
(Die Matrosen steigen in den Schiffsraum hinab.)  
Nun, Steuermann, die Wache nimmst du wohl für mich, Gefahr ist nicht, doch gut ist's, wenn du wachst.

**Steuermann**  
Seid ausser Sorg! Schlaft ruhig, Kapitän!

*(Daland geht in die Kajüte. Der Steuermann bleibt allein auf dem Verdeck. Der Sturm hat sich etwas gelegt und wiederholt sich nur in abgesetzten Pausen; in hoher See türmen sich die Wellen. Der Steuermann macht noch einmal die Runde, dann setzt er sich am Ruder nieder. Er gähnt, dann schüttelt er sich auf, als ihm der Schlaf kommt.)*

Mit Gewitter und Sturm aus fernem Meer, mein Mädél, bin dir nah'!  
Über turmhohe Flut vom Süden her, mein Mädél, ich bin da!  
Mein Mädél, wenn nicht Südwind wär', ich nimmer wohl käm' zu dir;  
ach, lieber Südwind, blas noch mehr!  
Mein Mädél verlangt nach mir!  
Ho ho jo halloho! Ho! usw.

*(Eine grosse Woge naht dem Schiffe und rüttelt es heftig. Der Steuermann fährt auf; er sieht nach, ob das Schiff Schaden genommen habe. Beruhigt setzt er sich wieder am Steuer nieder und singt. Der Schlaf kommt ihn immer mehr an. Er gähnt.)*

Von des Südens Gestad', aus weitem Land ich hab an dich gedacht!  
Durch Gewitter und Meer vom Mohrenstrand hab dir 'was mitgebracht.  
Mein Mädél, preis den Südwind hoch, ich bring dir ein gülden Band!

## PRIMEIRO ATO

### DISCO I — LADO 1

— *Encosta rochosa íngreme, ampla vista do mar. Tempo escuro; tempestade violenta. — (O navio de Daland acabou de lançar âncoras bem perto da costa; os marujos estão em ruidosa atividade de trabalho a recolher as velas, lançar cabos etc. Daland desceu à terra; ele sobe numa rocha e olha para a terra adentro, como que a reconhecer a zona.)*

**Marujos** (enquanto estão trabalhando)  
Ô-i-ê! Ô-i-ê! (etc.)  
Ô! I! Ê! (etc.)  
Ô-i-ê! (etc.)

**Daland** (descendo da rocha)  
Não há dúvida! Sete milhas de distância do porto seguro nos varreu o vento. Tão perto do destino após viagem tão longa, ainda me faltava essa brincadeira! Tão perto do destino (etc.)

**Piloto** (chamando de bordo, com as mãos colocadas em concha)  
Oi! Comandante!

**Daland**  
Aí a bordo, como andam as coisas?

**Piloto**  
Tudo bem, Comandante! Estamos em fundo firme.

**Daland**  
Isso é Sandwike, conheço bem essa baía. Que danação!  
Já estava vendo, na costa, a minha casa, Já estava pensando em abraçar Senta, minha filha; aí começa a soprar esse buraco do diabo!  
Quem confia no vento, confia na misericórdia de Satã! (etc.)  
Quem confia no vento, (etc.)  
(vai subindo para bordo)  
De que adianta? Paciência!  
Está diminuindo o temporal! quando é violento assim, não dura muito.  
(a bordo)  
Ei, rapazes! Vocês já estão acordados há muito tempo, a descansar, pois! Eu não tenho receio.  
(Os marujos descem ao bojo do navio.)  
Agora, piloto, você se encarrega da sentinela por mim, Perigo não há, mas é bom que você fique acordado.

**Piloto**  
Não se preocupe! Vá dormir tranqüilo, Comandante!

*(Daland vai para o camarote. O piloto fica sozinho no convés. A tempestade amainou um pouco e só se repete a intervalos; no alto-mar as ondas ainda estão altas. O piloto faz outra ronda pelo convés, depois senta-se perto do leme. Boceja, depois estremece como que tomado pelo sono.)*

Através de tempestades e rebojado mar, minha garota, já estou perto de você!  
Vencidas marés da altura de torres, vindas do sul, minha garota, aqui estou!  
Minha garota, se não tivesse soprado o vento sul, quem sabe eu nunca chegaria até junto de você; ah, adorador vento sul, sopra ainda mais!  
Minha garota me está esperando!  
Ô, ô, iô! Ô! (etc.)

*(Uma grande vaga se aproxima do navio e o faz estremecer fortemente. O piloto se levanta, assustado; trata de ver, se o navio foi avariado. Sossegado, ele volta a sentar-se perto do leme e canta. O sono volta a querer tomar conta dele. Ele boceja.)*

Lá nas bandas do sul, lá na terra distante eu pensei em você!  
Arrostando a tempestade e o mar, das praias mouras eu trouxe alguma coisa para você.  
Minha garota, abençoado este vento sul, eu trago para você uma pulseira de ouro

Ach, lieber Südwind, blase doch!  
Mein Mäd'el hätt' gern den Tand!  
Ho ho je hollaho!

*(Er schläft völlig ein. Das Meer wird von neuem unruhiger. Der Sturm beginnt von neuem heftig zu wüten, es wird finsterner. In der Ferne zeigt sich das Schiff des "fliegenden Holländers" mit blutroten Segeln und schwarzen Masten. Es naht sich schnell der Küste nach der dem Schiffe des Norwegers entgegengesetzten Seite. Mit einem furchtbaren Krach sinkt der Anker in den Grund. Der Steuermann fährt auf und sieht nach dem Steuer; überzeugt, dass nichts geschehen, setzt er sich wieder und brummt den Anfang seines Liedes:—)*

"Mein Mäd'el, wenn nicht Südwind wär' . . ."

*(Er schläft von neuem ein. Stumm und ohne das geringste Geräusch zieht die gespenstische Mannschaft des Holländers die Segel auf usw. Der Holländer geht ans Land.)*

## SEITE 2

### Holländer

Die Frist ist um,  
und abermals verstrichen sind sieben Jahr':  
voll Überdruß wirft mich das Meer ans Land.  
Ha! Stolzer Ozean!  
In kurzer Frist sollst du mich wieder tragen!  
Dein Trotz ist beugsam,  
doch ewig meine Qual!  
Das Heil, das auf dem Land ich suche,  
nie werd ich es finden!  
Euch, des Weltmeers Fluten,  
bleib ich getreu,  
bis eure letzte Welle sich bricht,  
und euer letztes Nass versiegt!  
Wie oft in Meeres tiefsten Schlund  
stürzt' ich voll Sehnsucht mich hinab:  
doch ach! den Tod, ich fand ihn nicht! —  
Da, wo der Schiffe furchtbar Grab,  
trieb mein Schiff ich zum Klippengrund,  
doch ach! mein Grab, es schloss sich nicht!  
Verhöhnd droht' ich dem Piraten,  
in wildem Kampfe hofft' ich Tod —  
"Hier," rief ich, "zeige deine Taten,  
von Schätzen voll ist Schiff und Boot!"  
Doch ach! — des Meer's barbar'scher Sohn  
schlägt bang das Kreuz und flieht davon.  
Wie oft in Meeres tiefsten Schlund  
stürzt' ich voll Sehnsucht mich hinab!  
Da, wo der Schiffe furchtbar Grab,  
trieb mein Schiff ich zum Klippengrund.  
Nirgends ein Grab! Niemals der Tod!  
Dies der Verdammnis Schreckgebot! usw.

*(Er richtet seinen Blick gen Himmel.)*

Dich frage ich, gepries' ner Engel Gottes,  
der meines Heils Bedingung mir gewann!  
War ich Unsel'ger Spielwerk deines Spottes,  
als die Erlösung du mir zeigtest an?\*\*\*  
Dich frage ich . . . *(bis \*\* wiederholen)*  
Vergebne Hoffnung! Furchtbar eitler Wahn!  
Um ew'ge Treu auf Erden ist's getan!  
Nur eine Hoffnung soll mir bleiben,  
nur eine unerschütterte stehn:  
so lang der Erde Keim' auch treiben,  
so muss sie doch zu Grunde gehn.  
Tag des Gerichtes! Jüngster Tag!  
Wann brichst du an in meine Nacht?  
Wann dröhnt er, der Vernichtung Schlag,  
mit dem die Welt zusammenkracht?  
Wann alle Toten auferstehn, usw.  
dann werde ich in nichts vergehn! usw.  
Wann alle Toten usw.  
Ihr Welten, endet euren Lauf!  
Ew'ge Vernichtung, nimm mich auf!

*(Der Holländer lehnt sich mit verschränkten Armen dumpf in sich gekehrt an eine Felsenwand.)*

### Chor der Mannschaft des Holländers

*(im Schiffsraum, unsichtbar)*  
Ew'ge Vernichtung, nimm uns auf!

*(Daland kommt aus der Kajüte; er sieht sich nach dem Winde um und erblickt das fremde Schiff.)*

Ah, querido vento sul, vai soprando!  
Minha garota vai adorar o presente!  
Ô, ô iô o-lá-ô!

*(Ele pega no sono de vez. Volta a se agitar o mar. Recomeça a tempestade com violência, vai ficando tudo mais escuro. Ao longe surge o "navio fantasma", de velas cor de sangue e mastros negros. Aproxima-se veloz da costa, do lado oposto ao do navio do norueguês. Com um estrondo tremendo, cai a âncora no fundo. O piloto acorda assustado e espia o leme; já certo de que nada aconteceu, ele volta a sentar e cantarola o começo da sua canção)*

"Minha garota, se não tivesse soprado o vento sul..."

*(Ele volta a pegar no sono. Mudos e sem fazer o menor ruído, os membros da tripulação do "navio fantasma" vão recolhendo as velas etc. O Comandante do "navio fantasma" desce à terra.)*

## DISCO I — LADO 2

### Holandês

Esgotou-se o prazo,  
e, mais uma vez, passaram sete anos:  
fastidiado, o mar me jogou à terra.  
Ah! Orgulhoso oceano!  
Dentro de pouco tempo tu terás que voltar a me levar!  
Tua obstinação se dobra,  
porém eterno é o meu tormento!  
A salvação, que em terra procuro,  
jamais a encontrarei!  
A vós, caudais dos mares do mundo,  
eu serei fiel,  
até que se quebre a vossa última onda,  
e se esgote a vossa última gota!  
Quantas vezes nos abismos mais profundos do mar  
eu me atirei, cheio de saudade:  
Mas, ai!, a morte, não a encontrei!  
Para lá, onde fica o túmulo terrível dos navios,  
empurrei meu navio até o fundo dos escolhos,  
mas, ai!, meu túmulo, ele não se fechou!  
A escarnecer ameacei o pirata,  
em luta feroz desejava encontrar a morte —  
"Aqui", gritava eu, "mostra a tua garra,  
de tesouros estão cheios navio e barco!"  
Mas, ai! - o filho bárbaro dos mares  
faz o sinal da cruz e foge.  
Quantas vezes nos abismos mais profundos do mar  
eu me atirei, cheio de saudade!  
Para lá, onde fica o túmulo terrível dos navios,  
empurrei meu navio até o fundo dos escolhos.  
Em nenhum lugar um túmulo! Nunca a morte!  
Esse é o mandamento terrível da condenação do  
diabo! *(etc.)*

*(Ele dirige os olhos para o céu.)*

A ti pergunto, abençoado anjo de Deus,  
a quem devo a condição para a minha salvação!  
Fui eu, acaso, infeliz joguete de tua troca,  
quando me acenaste com a salvação?\*\*\*  
A ti pergunto... *(repetir até\*\*)*  
Esperança vã! Alucinação assaz terrível!  
Fidelidade eterna já sumiu da terra!  
Uma só esperança há de me ficar,  
só uma continua inabalável:  
não importa quanto tempo ainda germine a terra,  
algum dia ela há de se acabar.  
Dia do Juízo! Juízo Final!  
Quando virás clarear a minha noite?  
Quando há de ressoar o golpe da destruição,  
que fará o mundo todo quebrar?  
Quando todos os mortos ressuscitarem *(etc.)*  
ai eu me transformarei em nada! *(etc.)*  
Quando todos os mortos *(etc.)*  
Vós, mundos, encerrai vosso curso!  
Destruição eterna, me aceitai!

*(O Holandês, de braços cruzados, em inerte introspecção, se apóia numa parede da rocha.)*

### Coro da Tripulação do Navio Fantasma

*(no bojo do navio, invisível)*

Destruição eterna, me aceitai!

*(Daland sai do camarote; olha como anda o vento e descobre o navio alheio.)*

Daland *(sich nach dem Steuermann umsehend)*  
He! Holla! Steuermann!

Steuermann *(sich schlaftrunken halb aufrichtend)*  
'S ist nichts, 's ist nichts!  
"Ach, lieber Südwind, blas noch mehr!  
Mein Mäd'el . . ."

Daland *(den Steuermann aufrüttelnd)*  
Du siehst nichts?  
Gelt, du wachest brav, mein Bursch!  
Dort liegt ein Schiff.  
Wie lange schliefst du schon?

Steuermann *(rasch auffahrend)*  
Zum Teufel auch! Verzeiht mir, Kapitän!  
*(Er ruft über Bord)*  
Wer da?  
*(lange Pause; man hört das Echo den Ruf zweimal wiederholen)*  
Wer da?  
*(lange Pause, abermaliges Echo)*

Daland  
Es scheint, sie sind gerad' so faul wie wir.

Steuermann  
Gebt Antwort! Schiff und Flagge?

Daland *(erblickt den Holländer am Lande)*  
Lass ab! Mich dünkt, ich seh den Kapitän!  
*(den Holländer anrufend)*  
He! Holla! Seeman! Nenne dich! Wess Landes?

*(langes Stillschweigen)*

Holländer  
Weit komm ich her;  
verwehrt bei Sturm und Wetter  
ihr mir den Ankerplatz?

Daland  
Behüt' es Gott!  
Gastfreundschaft kennt der Seeman.  
*(ans Land gehend)*  
Wer bist du?

Holländer  
Holländer.

Daland  
Gott zum Gruss!  
So trieb auch dich der Sturm  
an diesen nackten Felsenstrand?  
Mir ging's nicht besser:  
wenig Meilen nur von hier ist meine Heimat,  
fast erreicht, musst' ich aufs Neu'  
mich von ihr wenden.  
Sag, woher kommst du?  
Hast Schaden du genommen?

Holländer  
Mein Schiff ist fest;  
es leidet keinen Schaden.

Durch Sturm und bösen Wind verschlagen,  
irr auf den Wassern ich umher;  
wie lange? Weiss ich kaum zu sagen,  
schon zähl ich nicht die Jahre mehr.  
Unmöglich dünkt mich's, dass ich nenne  
die Länder alle, die ich fand:  
das Eine nur, nach dem ich brenne,  
ich find es nicht, mein Heimatland!  
Das Eine nur, usw.  
Vergönne mir auf kurze Frist dein Haus,  
und deine Freundschaft soll dich nicht gereun!  
Mit Schätzen aller Gegenden und Zonen  
ist reich mein Schiff beladen:  
willst du handeln,  
so sollst du sicher deines Vorteils sein!

Daland  
Wie wunderbar! Soll deinem Wort ich glauben?  
Ein Unstern, scheint's, hat dich bis jetzt verfolgt:  
um dir zu frommen, biet ich was ich kann . . .  
Doch, darf ich fragen,  
darf ich fragen, was dein Schiff enthält?

*(Der Holländer gibt der Wache seines Schiffes ein Zeichen, auf welches man von demselben eine Kiste an das Land bringt.)*

Daland *(acabando de ver o piloto)*  
Ei! Alô! Piloto!

Piloto *(ainda tonto de sono, vai-se colocando de pé)*  
Não é nada, não é nada!  
"Ah, adorado vento sul, sopra ainda mais!  
Minha garota.."

Daland *(sacudindo o piloto)*  
Você não está vendo nada?  
Que guarda tu dás, hein, rapaz!  
Ali está um navio  
Há quanto tempo você já está dormindo?

Piloto *(levantando, afobado)*  
Que diacho! Perdoe-me, Comandante!  
*(Grita para fora do bordo)*  
Quem está aí?  
*(pausa longa; ouve-se duas vezes o eco do grito)*

Quem está aí?  
*(pausa longa, novamente o eco)*

Daland  
Parece que eles são tão preguiçosos quanto nós.

Piloto  
Respondei! Navio e bandeira?

Daland *(percebe o Comandante do navio fantasma em terra)*  
Deixa p'ra lá! Acho que estou vendo o comandante!  
*(gritando para o Comandante do navio fantasma)*  
Ei! Alô! Homem-do-mar! Diga quem és! De que país!  
*(silêncio prolongado)*

Holandês  
Venho de longe;  
me recusais, sob a tempestade e a intempérie,  
o lugar de ancoragem?

Daland  
Deus o livre!  
Hospitalidade é o mandamento do homem-do-mar.  
*(ans para terra)*  
Quem és tu?

Holandês  
Sou holandês.

Daland  
Te saúdo em Deus!  
Quer dizer que também a tempestade  
te empurrou para essa desnuda praia rochosa?  
A mim não aconteceu melhor:  
a poucas milhas apenas daqui fica a minha casa,  
quase chegado lá, tive de novo  
que dela me afastar.  
Dize, de onde vens tu?  
Sofreste alguma avaria?

Holandês  
Meu navio é safo;  
ele não sofre avarias.

Varrido por tempestade e violentos ventos,  
vagueio, a esmo, pelas águas;  
há quanto tempo? Acho que já nem sei mais,  
já nem conto mais os anos.  
Parece-me impossível eu declinar  
todas as terras em que já estive:  
só uma, justamente a que mais anseio,  
não a encontro, minha terra pátria!  
Só uma *(etc.)*  
Concede-me, por prazo curto, a tua casa, e de tua  
amizade não há de te arrepender!  
De tesouros de todos os lugares e zonas  
está ricamente carregado o meu navio:  
se quiseres negociar,  
decerto há de ser de vantagem para ti!

Daland  
Que maravilhoso! Devo acreditar nas tuas palavras?  
Um azar, ao que me parece, tem-te perseguido até agora:  
para te ajudar, ofereço-te o que eu puder...  
Mas, posso perguntar,  
posso perguntar, o que contém o teu navio?

*(O holandês faz um sinal ao sentinela de seu navio, ao que dele trazem à terra uma caixa.)*

**Holländer**

Die seltensten der Schätze sollst du sehn;  
kostbare Perlen; edelstes Gestein.  
Blick hin, und überzeuge dich vom Werte des  
Preises,  
den ich für ein gastlich Dach dir biete!

**Daland** (*voll Erstaunen den Inhalt der Kiste  
übersehend*)  
Wie? Ist's möglich? Diese Schätze!  
Wer ist so reich, den Preis dafür zu bieten?

**Holländer**

Den Preis? Soeben hab ich ihn genannt:  
dies für das Obdach einer einz'gen Nacht!  
Doch, was du siehst, ist nur der kleinste Teil  
von dem, was meines Schiffes Raum verschliesst.  
Was frommt der Schatz? Ich habe weder Weib  
noch Kind,  
und meine Heimat find ich nie!  
All meinen Reichtum biet ich dir,  
wenn bei den Deinen du mir neue Heimat gibst!

**Daland**

Was muss ich hören?

**Holländer**

Hast du eine Tochter?

**Daland**

Fürwahr, ein treues Kind.

**Holländer**

Sie sei mein Weib!

## SEITE 3

**Daland**

Wie? Hört' ich recht? Meine Tochter sein Weib!  
Er selbst spricht aus den Gedanken!  
Fast fürcht ich, wenn unentschlossen ich bleib,  
er müsst' im Vorsatze wanken.

**Holländer**

Ach! ohne Weib, ohne Kind bin ich,  
nichts fesselt mich an die Erde:  
rastlos verfolgte das Schicksal mich,  
die Qual nur war mir Gefährte.  
Nie werd ich die Heimat erreichen,  
zu was frommt mir der Güter Gewinn?  
Lässt du zu dem Bund dich erweichen,  
oh! so nimm meine Schätze dahin! *usw.*  
Lässt du zu dem Bund *usw.*

**Daland**

Wüsst' ich, ob ich wach oder träume?  
Kann ein Eidam willkommener sein?  
Ein Tor, wenn das Glück ich versäume!  
Voll Entzücken schlage ich ein! *usw.*  
Wie? Hör ich recht? Meine Tochter sein Weib?  
Er selbst spricht aus den Gedanken,  
er selbst spricht ihn aus.  
Fast fürcht' ich, wenn unentschlossen ich bleib,  
er müsst' im Vorsatze wanken,  
fast fürcht ich, müsst' im Vorsatze wanken.  
Wüsst' ich, ob ich wach *usw.*

Woh, Fremdling, hab ich eine schöne Tochter,  
mit treuer Kindeslieb' ergeben mir:  
sie ist mein Stolz, das höchste meiner Güter,  
mein Trost im Unglück, meine Freud' im Glück,  
*usw.*

**Holländer**

Dem Vater stets bewahr' sie ihre Liebe!  
Ihm treu, wird sie auch treu dem Gatten sein.

**Daland**

Du gibst Juwelen, unschätzbare Perlen,  
das höchste Kleinod doch, ein treues Weib -

**Holländer**

Du gibst es mir?

**Daland**

Ich gebe dir mein Wort!  
Mich rührt dein Los;  
freigebig, wie du bist,  
zeigst Edelmut und hohen Sinn du mir:  
den Eidam wünsch' ich so,  
und wär dein Gut auch nicht so reich,  
wählt' ich doch keinen Andern!

**Hollandês**

Verás os mais raros dos tesouros;  
valiosas pérolas; as mais nobres pedrarias.  
Olha e convence-te do valor do preço  
que por teu hospitaleiro teto te ofereço!

**Daland** (*passando a vista, cheio de surpresa, pelo  
conteúdo da caixa*)  
Como? É possível? Esses tesouros?  
Quem é bastante rico para oferecer preço por issa

**Hollandês**

O preço? Eu acabei de mencioná-lo:  
isso pelo abrigo de uma só noite!  
Mas, o que tu vês, é apenas a menor parcela  
do que encerra o porão do meu navio.  
Para que vale o tesouro? Não tenho mulher  
nem filho,  
e meu lar não encontro jamais!  
Toda minha riqueza te ofereço,  
se, junto aos teus, tu me deres um novo lar!

**Daland**

Estou escutando certo?

**Hollandês**

Tu tens uma filha?

**Daland**

De fato, uma fiel filha.

**Hollandês**

Que ela seja minha mulher!

## DISCO II - LADO I

**Daland**

Como? Ouvi direito? Minha filha a sua mulher!  
Ele próprio foi quem expressou a idéia!  
Quase receio que, se não me decido,  
ele poderia vacilar na intenção.

**Hollandês**

Ah, não tenho mulher, não tenho filhos,  
nada me prende à terra:  
incessante tem-me perseguido o destino,  
só o tormento tem sido meu companheiro.  
Jamais chegarei a um lar meu,  
para que me serve a vantagem das riquezas?  
Se tu te deixares enternecer por esse vínculo,  
oh!, então, aceita os meus tesouros! *(etc.)*  
Se tu te deixares enternecer por esse vínculo *(etc.)*

**Daland**

Quisera eu saber, se estou acordado ou sonhando?  
Poderia um genro ser mais bem-vindo?  
Um tolo, se eu deixar passar a sorte!  
Cheio de encanto aceito! *(etc.)*  
Como? Ouvi direito? Minha filha a sua mulher?  
Ele próprio foi quem expressou a idéia,  
eie próprio diz.  
Quase receio que, se não me decido,  
ele poderia vacilar na intenção,  
quase receio que poderia vacilar na intenção.  
Quisera eu saber, se estou acordado *(etc.)*

Oh, estrangeiro, eu tenho uma linda filha,  
a mim dedicada em fiel amor filial:  
ela é meu orgulho, o mais valioso dos meus bens,  
meu consolo na infelicidade, minha alegria na  
ventura *(etc.)*

**Hollandês**

Que ela sempre conserve o seu amor pelo pai!  
Fiel a ele, fiel ela também o será ao esposo.

**Daland**

Tu ofereces jóias, pérolas de inestimável valor,  
a jóia mais fina, porém, uma esposa fiel -

**Hollandês**

Tu m'a dás?

**Daland**

Dou-te a minha palavra!  
Comove-me a tua sina;  
generoso como és,  
tu me demonstras nobreza e sentimento elevado:  
é assim que desejo seja o genro,  
e, ainda que tua riqueza não fosse tão grande,  
ainda assim, outro não haveria eu de escolher!

**Holländer**

Hab Dank!  
Werd ich die Tochter heut noch sehn?

**Daland**

Der nächste günst'ge Wind bringt uns nach Haus;  
di sollst sie sehn, und wenn sie dir gefällt -

**Holländer**

So ist sie mein!  
*(für sich)*  
Wird sie mein Engel sein?  
Wenn aus der Qualen Schreckgewalten  
die Sehnsucht nach dem Heil mich treibt,  
ist mir's erlaubt, mich fest zu halten  
an einer Hoffnung, die mir bleibt?

**Daland**

Gepriesen seid, gepriesen seid, des Sturmes  
Gewalten,  
die ihr an diesen Strand . . .

**Holländer**

Wenn aus der Qualen Schreckgewalten  
die Sehnsucht nach dem Heil mich treibt,  
ist mir's erlaubt, mich fest zu halten  
an einer Hoffnung, die mir bleibt?  
Darf ich in jenem Wahn noch schmachten,  
dass sich ein Engel mir erweicht?  
Der Qualen, die mein Haupt umnachten,  
ersehtes Ziel hätt ich erreicht?  
Ach! Ohne Hoffnung wie ich bin,  
geb ich mich doch der Hoffnung hin!  
Ach! Ohne Hoffnung *usw.*  
Ist mir's erlaubt *usw.*  
Ach! Ohne Hoffnung *usw.*

**Daland**

. . . mich triebt!  
Fürwahr, bloss hab ich fest zu halten,  
was sich so schön von selbst mir gibt.  
Die ihn an diese Küste brachten,  
ihr Winde, sollt gesegnet sein!  
Ha, wonach alle Väter trachten,  
ein reicher Eidam, er ist mein!  
Bloss hab ich fest zu halten  
was sich so schön von selbst mir gibt! *usw.*  
Ha, wonach alle Väter, *usw.*  
Fürwahr, bloss hab ich, *usw.*  
Gepriesen seid, des Sturms Gewalten,  
die ihr an diesen Strand mich triebt!  
Die ihn an diese Küste brachten,  
ihr Winde, sollt gesegnet sein!  
Ja! dem Mann mit Gut und hohem Sinn  
geb froh ich Haus und Tochter hin, *usw.*  
Dem Mann, *usw.*

*(Der Sturm hat sich gänzlich gelegt;  
der Wind ist umgeschlagen.)*

**Steuermann** *(am Bord)*

Südwind! Südwind!

**Matrosen** *(die Mützen schwenkend)*

Hallo ho!

**Steuermann**

Ach, lieber Südwind, blas noch mehr!

**Matrosen**

Hoho he! Hallo ho! *usw.*

**Daland**

Du siehst, das Glück ist günstig dir,  
der Wind ist gut, die See in Ruh'.  
Sogleich die Anker lichten wir,  
und segeln schnell der Heimat zu.

**Holländer**

Darf ich dich bitten, so segelst du voran;  
der Wind ist frisch, doch meine Mannschaft müd';  
ich gönne ihr kurze Ruh', und folge dann!

**Matrosen**

Ho ho ho ho hallo he! *usw.*

**Steuermann, Matrosen**

Hallo ho! *usw.*

**Daland**

Doch unser Wind?

**Hollandês**

Eu te agradeço!  
Ainda hoje poderei ver a filha?

**Daland**

O próximo vento favorável nos levará à casa;  
tu irás vê-la, e se ela te agrada -

**Hollandês**

Então ela será minha!  
*(consigo próprio)*  
Irá ela ser o meu anjo?  
Se, em meio aos poderes terríveis dos tormentos,  
a saudade me faz procurar a redenção, ser-me-á  
permittedo agarrar-me  
a uma esperança que me resta?

**Daland**

Louvadas sejam, louvadas sejam, as forças da  
tempestade,  
que aqui nesta praia...

**Hollandês**

Se, em meio aos poderes terríveis dos tormentos,  
a saudade me faz procurar a redenção,  
ser-me-á permitido agarrar-me  
a uma esperança que me resta?  
Posso ainda entregar-me àquela ilusão  
de que um anjo de mim se entereça?  
Será que alcancei a meta ansiada  
dos tormentos que obscurecem minha cabeça?  
Ah! Sem esperança como me sinto,  
mesmo assim me entrego à esperança!  
Ah! Sem esperança como me sinto,  
mesmo assim me entrego à esperança!  
Ah! Sem esperança *(etc.)*  
Posso ainda *(etc.)*  
Ah! Sem esperança *(etc.)*

**Daland**

... me atirou!  
Em verdade, apenas tenho que agarrar fortemente  
o que, tão lindamente, se me entrega  
espontaneamente.  
Vós, oh ventos, que a estas costas  
o fizeram arribar, sede abençoados!  
Ah, aquilo que é o anseio de todos os pais,  
um genro rico, ele é meu!  
Apenas tenho que agarrar fortemente  
o que, tão lindamente, se me entrega  
espontaneamente! *(etc.)*  
Ah, aquilo que é o anseio *(etc.)*  
Em verdade, apenas tenho que *(etc.)*  
Abençoados sede, vós, poderes da tempestade,  
que a esta praia me fizeram arribar!  
Oh ventos, que o fizeram chegar  
a esta costa, sede abençoados!  
Oh, sim, ao homem de posses e elevados sentimentos  
entrego prazerosamente lar e filha *(etc.)*  
Ao homem *(etc.)*

*(A tempestade amainou completamente; o vento se  
acalmou.)*

**Piloto** *(a bordo)*

Vento sul! Vento sul!

**Marujos** *(agitando os gorros)*

Alô, ô!

**Piloto**

Ah, querido vento sul, sopra ainda mais!

**Marujos**

Ô, Ô, ô, alô-ô! *(etc.)*

**Daland**

Tu vês que a sorte te favorece,  
o vento está bom, calmo o mar.  
Logo levantaremos as âncoras  
e velejaremos velozes rumo ao lar.

**Hollandês**

Posso pedir-te, sai tu velejando na frente;  
o vento está fresco, mas minha tripulação está  
cansada;  
vou dar a eles um curto descanso, e sigo depois!

**Marujos**

Ô, ô, ô, ô, alô, ô! *(etc.)*

**Piloto e Marujos**

Alô, ô! *(etc.)*

**Daland**

Mas o nosso vento?

**Holländer**  
Er bläst noch lang aus Süd'.

**Steermann, Matrosen**  
Hallo ho! Ho!

**Holländer**  
Mein Schiff ist schnell, es holt dich sicher ein.

**Daland**  
Du glaubst? Wohlan, es möge denn so sein!  
Leb wohl! Mög'st heute du mein Kind noch sehn!

**Holländer**  
Gewiss!

**Daland** (*am Bord seines Schiffes gehend*)  
Hei! Wie die Segel schon sich blähen!  
Hallo! Hallo!  
(*Er gibt seiner Mannschaft ein Zeichen*).  
Frisch, Jungen, greifet an!

**Matrosen** (*im Absegeln, jubelnd*)  
Mit Gewitter und Sturm aus fernem Meer,  
mein Mädal, bin dir nah!  
Hurrah!  
Über turmhohe Flut vom Süden her,  
mein Mädal, ich bin da!  
Hurrah!  
Mein Mädal, wenn nicht Südwind wär',  
ich nimmer wohl käm' zu dir.  
Ach, lieber Südwind, blas noch mehr!  
Mein Mädal verlangt mach mir!  
Ho, ho, ho! Jo, lo, ho! usw.

(*Der Holländer besteigt sein Schiff.*)

## ENDE DES ERSTEN AUFZUGS

## ZWEITER AUFZUG

Introduktion

*Ein grosses Zimmer im Hause Dalands; an den Wänden Bilder von Seegegenständen, Karten, usw. An der Hinterwand das Bildnis eines bleichen Mannes mit dunklem Barte und in schwarzer spanischer Tracht. (Mary und die Mädchen sitzen um den Kamin herum und spinnen. Senta, in einem Grossvaterstuhle zurückgelehnt, ist in träumerischem Anschauen des Bildnisses an der Hinterwand versunken.)*

**Mädchen**  
Summ und brumm, du gutes Rädchen,  
munter, munter dreh dich um!  
Spinne, spinne tausend Fädchen,  
gutes Rädchen, summ und brumm!\*\*

Mein Schatz ist auf dem Meere draus,  
er denkt nach Haus ans fromme Kind;  
mein gutes Rädchen, braus und saus!  
Ach, gäbst du Wind, er käm' geschwind! usw.  
Spinnt! Spinnt! Spinnt! Fleissig, Mädchen!  
Brumm! Summ! Gutes Rädchen!

[Tra la ra, usw.  
Spinnt fleissig, Mädchen! usw.

**Mary**  
Ei, fleissig! Fleissig, wie sie spinnen!  
Will Jede sich den Schatz gewinnen.

**Mädchen**  
Frau Mary, still! Denn wohl ihr wisst,  
das Lied noch nicht zu Ende ist! usw.

**Mary**  
So singt! Dem Rädchen lässt's nicht Ruh!  
(*zu Senta*)  
Du, aber, Senta, schweigst dazu?

**Mädchen**  
Summ und brumm... (bis \*\*wiederholen)

**Holandês**  
Ele vai continuar a soprar longo tempo ainda do sul.

**Piloto, Marujos**  
Alô, ô! Ô!

**Holandês**  
O meu navio é veloz, ele logo te alcançará.

**Daland**  
Tu achas? Então, que assim seja!  
Adeus! Oxalá ainda hoje vejas a minha filha!

**Holandês**  
Certamente!

**Daland** (*indo para bordo de seu navio*)  
Ê! Como já se inflam as velas!  
Alô! Alô!

(*Ele faz um sinal para a sua tripulação.*)

Vamos, rapazes, vamos atacar!

**Marujos** (*já a velejar, jubilosos*)  
Através de tempestades e arrojado mar,  
minha garota, já estou perto de você!  
Hurrá!  
Vencidas marés da altura de torres, vindas do sul,  
minha garota, aqui estou!  
Hurrá  
Minha garota, se não tivesse soprado o vento sul,  
quem sabe eu nunca chegaria até junto de você.  
Ah, adorado vento sul, sopra ainda mais!  
Minha garota me está esperando!  
Ô, ô, ô! Iô, Iô, ô! (*etc.*)  
(*O holandês sobe para seu navio.*)

## FINAL DO PRIMEIRO ATO

## SEGUNDO ATO

Introdução

*(Uma ampla sala na casa de Daland; nas paredes quadros de objetos do mar, mapas etc. Na parede do fundo, o retrato de um homem pálido, de barba escura e num traje espanhol escuro. Mary e as moças estão sentadas ao redor da lareira e estão a fiar. Senta, recostada numa poltrona, está imersa numa contemplação pensativa do retrato na parede do fundo.)*

**Moças**  
Hum, hum, minha querida rodinha,  
alegremente, alegremente, continua a girar!  
Fia, fia mil fiozinhos,  
querida rodinha, sempre a girar!\*\*

Meu amor está no mar lá fora,  
ele está pensando no lar e na querida namorada;  
querida rodinha, gira bem veloz!  
Ah, se tu fizesses vento, chegaria ele bem depressa (*etc.*)  
Fiai! Fiai! Fiai! Trabalhai com ardor, meninas!  
Querida rodinha! Sempre a girar!

[Trá-lá-lá, (*etc.*)  
Fiai com ardor, meninas! (*etc.*)

**Mary**  
Oi, que trabalhadeiras! Trabalhadeiras, como elas fiam!  
Cada uma quer conquistar um namorado.

**Moças**  
Dona Mary, quietinha! Pois bem sabeis  
que a canção ainda não chegou ao fim! (*etc.*)

**Mary**  
Então, cantai! Não deixeis a rodinha descansar!

(*dirigindo-se a Senta*)

Mas tu, Senta, não dizes nada?

**Moças**  
Sempre a girar... (*repetir até \*\**)

Mein Schatz da draussen auf dem Meer,  
im Süden er viel Gold gewinnt.  
Ach, gutes Rädchen, saus noch mehr!  
Er gibt's dem Kind, wenn's fleissig spinnt! usw.  
Spinnt! Spinnt! usw.

**Mary**  
Du böses Kind, wenn du nicht spinnst,  
vom Schatz du kein Geschenk gewinnst.

**Mädchen**  
Sie hat's nicht Not, dass sie sich eilt;  
ihr Schatz nicht auf dem Meere weilt:  
bringt er nicht Gold, bringt er doch Wild,  
man weiss ja, was ein Jäger gilt!  
Ha ha ha ha ha ha!

(*Senta singt leise für sich.*)

**Senta**  
Ah!...

**Mary**  
Da seht ihr! Immer vor dem Bild!  
(*zu Senta*)  
Willst du dein ganzes junges Leben  
verträumen vor dem Conterfei?

**Senta** (*ohne ihre Stellung zu verändern*)  
Was hast du Kunde mir gegeben,  
was mir erzählet, wer er sei?  
(*seufzend*)  
Der arme Mann!

**Mary**  
Gott sei mit dir!

**Mädchen**  
Ei, ei! Ei, ei! Was hören wir!  
Sie seufzet um den bleichen Mann!

**Mary**  
Den Kopf verliert sie noch darum.

**Mädchen**  
Da sieht man, was ein Bild doch kann!

**Mary**  
Nichts hilft es, wenn ich täglich brumm!  
Komm, Senta! Wend dich doch herum!

**Mädchen**  
Sie hört euch nicht! Sie ist verliebt! usw.  
Ei, ei! usw.  
Wenn's nur nicht Händel gibt!  
Denn Erik hat gar heisses Blut,  
dass er nur keinen Schaden tut!  
Sagt nichts! Er schiesst sonst wutentbrannt  
den Nebenhuhler von der Wand!  
Ha ha ha ha usw.  
Sagt nichts! Ha ha, usw.

**Senta** (*heftig auffahrend*)  
O schweig mit eurem tollern Lachen!  
Wollt ihr mich ernstlich böse machen?

(*Die Mädchen singen so stark wie möglich und drehen die Spinnräder mit grossem Geräusch, gleichsam um Senta nicht Zeit zum Schmählen zu lassen.*)

**Mädchen**  
Summ und brumm... (bis \*\*wiederholen)

**Senta**  
Oh! Macht dem dummen Lied ein Ende!  
Es brummt und summt nur vor dem Ohr.  
Wollt ihr, dass ich mich zu euch wende,  
so sucht 'was besseres hervor!

**Mädchen**  
Gut! Singe du!

**Senta**  
Hört, was ich rate:  
Frau Mary singt uns die Ballade.

**Mary**  
Bewahre Gott, das fehlte mir!  
Den fliegenden Holländer lasst in Ruh'!

**Senta**  
Wie oft doch hört' ich sie von dir!

Meu amado lá fora, no mar  
lá pelo sul, vai ganhando muito ouro.  
Ah, rodinha querida, gira ainda mais!  
Ele presentia só aquela que ardorosamente fiar! (*etc.*)  
Fiai! Fiai! (*etc.*)

**Mary**  
Tu, menina má, se tu não fiar,  
do namorado não receberás presente.

**Moças**  
Ela não precisa se apressar;  
o namorado dela não anda no mar;  
embora ele não traga ouro, traz, porém, a caça,  
a gente sabe como são os caçadores!  
Ah ah ah ah ah ah!

(*Senta cantarola baixinho, como consigo própria.*)

**Senta**  
Ah!...

**Mary**  
Aí a vedes! Sempre na frente daquele retrato!  
(*dirigindo-se a Senta*)  
Pretendes tu desperdiçar toda a tua jovem vida  
a ficar sonhando defronte de um quadro pintado?

**Senta** (*sem mudar de posição*)  
Por que tu me falaste dele,  
por que me contaste quem era ele?  
(*suspirando*)  
Coitado!

**Mary**  
Deus que te dê juízo.

**Moças**  
Oi, oi! Oi, oi! O que é que estamos ouvindo dizer!  
Ela suspira por um pálido homem!

**Mary**  
Ela é capaz até de ficar ruim da cabeça por isso.

**Moças**  
Vede só do que é capaz um retrato!

**Mary**  
De nada adianta eu resmungar todos os dias!  
Vai, Senta! Vira-te agora!

**Moças**  
Ela nem vos ouve! Ela está apaixonada (*etc.*)  
Oi, oi! (*etc.*)  
Tomara que isso não dê encrenca!  
Pois o Erik tem sangue quente,  
que ele não cometa uma loucura!  
Não digais nada! Se não, cheio de raiva,  
ele é capaz de atirar no rival que está na parede!  
Ah, ah, ah, ah, (*etc.*)  
Não digais nada! Ah ah, (*etc.*)

**Senta** (*levanta-se de repente, muito contrafeita*)  
Oh, calai essas vossas tolas risadas!  
Quereis, de fato, que eu fique zangada?

(*As moças cantam tão alto quanto possível e giram suas rodas de fiar ruidosamente, como se fosse para não dar a Senta chance de protestar.*)

**Moças**  
Hum, hum... (*repetir até\*\**)

**Senta**  
Oh! Acabei com essa canção tão tola!  
Ela só enche de chiado o ouvido.  
Se quereis que eu me junte a vós  
então, tratai de descobrir algo melhor!

**Moças**  
Bem! Canta tu!

**Senta**  
Ouvi o que vos sugiro:  
Que Dona Mary nos cante uma balada.

**Mary**  
Deus me livre, era o que me faltava!  
Deixai em paz o holandês errante!

**Senta**  
Tantas vezes eu a escutei de ti!

**Mary**  
Bewahre Gott, das fehlte mir!

**Senta**  
Ich sing sie selbst! Hört, Mädchen, zu!  
Lasst mich's euch recht zu Herzen führen,  
des Ärmsten Los, es muss euch rühren!

**Mädchen**  
Uns ist es recht!

**Senta**  
Merkt auf die Wort'!

**Mädchen**  
Dem Spinnrad Ruh'!

**Mary (ärgerlich)**  
Ich spinne fort!

*(Die Mädchen rücken, nachdem sie ihre Spinnräder bei Seite gesetzt haben, die Sitze dem Grossvaterstuhle näher und gruppieren sich um Senta. Mary bleibt am Kamin sitzen und spinnt fort.)*

#### SEITE 4

**Senta (im Grossvaterstuhl)**  
Joho hoe! Joho ho hoe! Joho hoe! Johoho hoe!

Traft ihr das Schiff im Meere an,  
blutrot die Segel schwarz der Mast?  
Auf hohem Bord der bleiche Mann,  
des Schiffes Herr, wacht ohne Rast.  
Hui! Wie saust der Wind!  
Jo ho he! Jo ho he!  
Hui! Wie pfeift's im Tau!  
Jo ho he! Jo ho he!  
Hui! Wie ein Pfeil fliegt er hin,  
ohne Ziel, ohne Rast, ohne Ruh'!  
Doch kann dem bleichen Manne  
Erlösung einstens noch werden,  
fänd' er ein Weib, das bis in den Tod  
getreu ihm auf Erden.  
Ach! wann wirst du, bleicher Seeman, sie finden?  
Betet zum Himmel, dass bald ein Weib  
Treue ihm halt'!

*(Gegen das Ende des Verses kehrt Senta sich gegen das Bild. Die Mädchen hören teilnahmvoll zu; Mary hat aufgehört zu spinnen.)*

Bei bösem Wind und Sturmeswut  
umsegeln wollt' er einst ein Cap,  
er flucht' und schwur mit tollem Mut:  
in Ewigkeit lass ich nicht ab!  
Hui! Und Satan hört's!  
Jo ho he! Jo ho he!  
Hui! Nahm ihn beim Wort!  
Jo ho he! Jo ho he!  
Hui! Und verdammt zieht er nun  
durch das Meer ohne Rast, ohne Ruh'!  
Doch, dass der arme Mann  
noch Erlösung fände auf Erden,  
zeigt Gottes Engel an,  
wie sein Heil ihm einst könne werden.

**Senta, Mädchen**  
Ach! Könntest du, bleicher Seemann, es finden!  
Betet zum Himmel, dass bald ein Weib  
Treue ihm halt'!

**Senta (die schon beim zweiten Verse vom Stuhle aufgestanden war, fährt mit immer zunehmender Aufregung fort)**

Vor Anker alle sieben Jahr',  
ein Weib zu frein, geht er ans Land;  
er freite alle sieben Jahr',  
noch nie ein treues Weib er fand.  
Hui! "Die Segel auf!"  
Jo ho he! Jo ho he!  
Hui! "Den Anker los!"  
Jo ho he! Jo ho he!  
Hui! "Falsche Lieb', falsche Treu'!"  
Auf in See, ohne Rast, ohne Ruh'!"

*(Senta, zu heftig angegriffen, sinkt in den Stuhl zurück. Die Mädchen singen nach einer Pause tief ergriffen leise weiter.)*

**Mary**  
Deus me livre, era o que me faltava!

**Senta**  
Eu mesma a vou cantar! Escutai-a, meninas!  
Quero fazer-vos sentir, de coração,  
a sina do coitado, ela tem que comover-vos!

**Moças**  
Nós concordamos.

**Senta**  
Prestai atenção às palavras!

**Moças**  
Descanso para as rodas de fiar!

**Mary (zangada)**  
Eu vou continuar a fiar!

*(Depois de colocarem suas rodas de fiar de lado, as moças empurram suas cadeiras mais para perto da poltrona, colocando-se à volta de Senta. Mary continua sentada perto da lareira, a fiar.)*

#### DISCO II - LADO 2

**Senta (na poltrona)**  
Iô-ô ô-ê! Iô-ô ô ô-ê! Iô-ô ô-ê! Iô-ô ô ô-ê!  
Encontrastes vós no mar o navio,  
de velas cor de sangue e negro o mastro?  
Lá no alto do convés o homem pálido,  
o dono do navio, dá guarda sem descansar.  
Oi! Como sopra o vento!  
Iô ô ê! Iô ô ê!  
Oi! Como assobiam tão fortes as amarras!  
Iô ô ê! Iô ô ê  
Oi! Como uma flecha ele voa  
sem rumo, sem repouso, sem tranqüilidade!  
Porém, o homem pálido algum dia  
poderá ainda ser redimido,  
se achar u'a mulher que, até a morte,  
na terra lhe seja fiel.  
Ah! quando é que tu, pálido homem-do-mar, hás de  
encontrá-la?  
Orai ao céu que, bem logo, u'a mulher  
lhe seja fiel!

*(Ao chegar ao final da canção, Senta se volta, de novo, para o retrato. As moças escutam com emoção; Mary deixou de fiar.)*

Sob violentos ventos e violento temporal!  
certa feita quis ele navegar para dobrar um cabo,  
a xingar, jurou ele com destemida coragem:  
nem eternamente desistirei!  
Oi! E Satã o escutou!  
Iô ô ê! Iô ô ê!  
Oi! E tomou-o pelas palavras!  
Iô ô ê! Iô ô ê!  
Oi! E, condenado pelo diabo, percorre ele agora  
os mares sem parar, sem descanso!  
Porém, para que o pobre homem  
ainda encontre a redenção na terra,  
mostra-lhe o anjo celestial,  
como ainda ele poderia vir a se salvar.

**Senta, Moças**  
Ah! Que possas tu, pálido homem-do-mar, encontrá-la!  
Orai aos céus que, bem logo, u'a mulher  
lhe seja fiel!

**Senta (que, já no segundo verso, se havia levantado da cadeira, prossegue, cada vez mais emocionada.)**

A ancorar, a cada sete anos,  
desce ele à terra para procurar u'a mulher para casar;  
a cada sete anos ele a procura,  
jamais ainda achou uma fiel mulher.  
Oi! "Vamos levantar as velas!"  
Iô ô ê! Iô ô ê!  
Oi! "Vamos soltar as âncoras!"  
Iô ô ê! Iô ô ê!  
Oi! "Falso amor, falsa fidelidade!  
De volta ao mar, sem repouso, sem tranqüilidade!"

*(Senta, combatida pela emoção, cai de novo sentada na cadeira. Depois de uma pausa, as moças profundamente emocionadas, continuam, bem baixinho a cantarolar a canção.)*

**Mädchen (1)**  
Ach, wo weilt sie,  
die dir Gottes Engel einst könne zeigen?  
Wo triffst du sie,  
die bis in den Tod dein bliebe treu eigen?

**Mädchen (2)**  
Ach, wo weilt sie,  
die dir treu eigen?  
Die Gottes Engel dir könne zeigen?

**Senta (von plötzlicher Begeisterung hingerissen, springt vom Stuhle auf)**  
Ich sei's, die dich durch ihre Treu' erlöse!

Mög' Gottes Engel mich dir zeigen!  
Durch mich sollst du das Heil erreichen,  
das Heil erreichen!

**Mädchen, dann Mary (erschrocken aufspringend)**  
Hilf Himmel, hilf Himmel! Senta, Senta!

**Erik (ist zur Türe hereingetreten und hat Sentas Ausruf vernommen)**  
Senta, Senta! Willst du mich verderben?

**Mädchen**  
Helft, Erik, uns!  
Sie ist von Sinnen!

**Mary**  
Ich fühl in mir das Blut gerinnen!  
Abscheulich Bild, du sollst hinaus!  
Kommt nur der Vater erst nach Haus!

**Erik**  
Der Vater kommt.

**Senta (die in ihrer letzten Stellung verblieben und von allem nichts vernommen hatte, wie erwachend und freudig auffahrend)**  
Der Vater kommt?

**Erik**  
Vom Felsen sah sein Schiff ich nahn.

**Mädchen**  
Sie sind daheim! Sie sind daheim!

**Mary (in grosser Geschäftigkeit)**  
Nun seht, zu was eu'r Treiben frommt!  
Im Hause ist noch nichts getan!

**Mädchen**  
Sie sind daheim! Sie sind daheim!

**Mary**  
Nun seht, usw.

**Mädchen**  
Auf, eilt hinaus! Auf, eilt hinaus!

**Mary (die Mädchen zurückhaltend)**  
Halt! Halt! Ihr bleibet fein im Haus!  
Das Schiffsvolk kommt mit leerem Magen.

**Mädchen**  
Ach! wie viel hab' ich ihn zu fragen! usw.

**Mary**  
In Küch' und Keller, säumet nicht!

**Mädchen**  
Ich halte mich vor Neugier nicht! usw.

#### ENSEMBLE

**Mary**  
Lasst euch nur von der Neugier plagen!  
Vor Allem geht an eure Pflicht!  
Lasst von der Neugier, usw.  
In Küch' und Keller! Säumet nicht!  
Geht an eure Pflicht! usw.

**Mädchen**  
Ach! Wie viel hab ich ihn zu fragen!  
Ich halte mich vor Neugier nicht! usw.  
Schon gut! Sobald nur aufgetragen,  
hält hier uns länger keine Pflicht!  
Schon gut! Schon gut! Sobald nur aufgetragen,

hält länger hier uns keine Pflicht! usw.  
Ach! Wie viel, usw.  
Dann hält uns, usw.

**Moças (1)**  
Ah, onde está aquela  
que o anjo celestial, algum dia, te poderia mostrar?  
Onde irás encontrá-la,  
aquela que até a morte ser-te-ia fiel?

**Moças (2)**  
Ah, onde está aquela  
que ser-te-ia fiel?  
que o anjo celestial te poderia mostrar?

**Senta (tomada por repentino entusiasmo, pula da cadeira)**

Seja eu quem, pela sua fidelidade, te redima!  
Queira o anjo celestial mostrar-me a ti!  
Através de mim, oxalá encontres a redenção,  
encontres a redenção!

**Moças, depois Mary (levantando-se assustadas)**  
Socorro, céu! Socorro, céu! Senta! Senta!

**Erik (acaba de entrar pela porta, tendo ouvido a exclamação de Senta)**

Senta, Senta! Tu queres me destruir?

**Moças**  
Ajuda-nos, Erik!  
Ela perdeu o juízo!

**Mary**  
Sinto o sangue congelar-se em mim!  
Desprezível retrato, fora contigo daqui!  
É só o pai chegar em casa!

**Erik**  
O pai está chegando.

**Senta (que havia ficado imóvel em sua última posição e nada havia escutado, como que acordando e levantando-se alegremente)**  
O pai está chegando?

**Erik**  
Lá do penhasco vi que seu barco se aproximava.

**Moças**  
Eles vêm para casa! Eles vêm para casa!

**Mary (em nervosa atividade)**  
Vede agora para o que serviu toda a vossa agitação!  
Ainda não foi feito nada na casa!

**Moças**  
Eles vieram para casa! Eles vieram para casa!

**Mary**  
Vede agora (etc.)

**Moças**  
Vamos, vamos correr lá para fora! Vamos, vamos  
correr lá para fora!

**Mary (tratando de segurar as moças)**  
Ei! Ei! Vós tendes de ficar bem aqui dentro de casa!  
A marujada está chegando de barriga vazia.

**Moças**  
Ah! quanta coisa eu tenho para perguntar a ele (etc.)

**Mary**  
Na cozinha e na adega, não falheis!

**Moças**  
Não agüento mais de curiosidade! (etc.)

#### CONJUNTO TODO

**Mary**  
Deixai a curiosidade vos atormentar!  
Primeiro cumpri a vossa obrigação!  
Deixai a curiosidade, (etc.)  
Na cozinha e na adega, não falheis!

**Moças**  
Ah, quanta coisa eu tenho para perguntar a ele!  
Não agüento mais de curiosidade! (etc.)  
Muito bem! Logo que tudo estiver servido,  
nenhum dever mais nos prende aqui!  
Muito bem! Muito bem! Logo que tudo estiver servido,  
nenhum dever mais nos prende aqui! (etc.)  
Ah! quanta coisa (etc.)  
Nenhum dever mais, (etc.)

*(Mary hat die Mädchen hinausgetrieben und folgt ihnen nach. Senta will ebenfalls fort. Erik hält sie zurück.)*

**Erik**  
Bleib, Senta! Bleib nur einen Augenblick!  
Aus meinen Qualen reisse mich!  
Doch willst du, ach! so verdirb mich ganz!

**Senta**  
Was ist? was soll?

**Erik**  
Ah, Senta, sprich, was aus mir werden soll?  
Dein Vater kommt, eh' wieder er verweist,  
wird er vollbringen, was schon oft er wollte...

**Senta**  
Und was meinst du?

**Erik**  
Dir einen Gatten geben!  
Mein Herz voll Treue bis zum Sterben,  
mein dürftig Gut, mein Jägerglück,  
darf so um deine Hand ich werben?  
Stöss mich dein Vater nicht zurück?  
Wenn dann mein Herz im Jammer bricht,  
sag, Senta, wer dann für mich spricht?  
Wenn dann mein Herz usw.

**Senta**  
Ach! schweige Erik, jetzt!  
Lass mich hinaus, den Vater zu begrüssen!  
Wenn nicht wie sonst an Bord die Tochter kommt,  
wird er nicht zürnen müssen? usw.

**Erik**  
Du willst mich fliehn?

**Senta**  
Ich muss zum Port!

**Erik**  
Du weichst mir aus?

**Senta**  
Ach, lass mich fort!

**Erik**  
Du weichst mir aus? Du willst mich fliehn? usw.

**Senta**  
Ach, lass mich fort! Ich muss zum Port!  
Ach, lass mich fort!

**Erik**  
Fliehst du zurück vor dieser Wunde,  
die du mir schlugst im Liebeswahn?  
Ach, höre mich zu dieser Stunde,  
hör meine letzte Frage an!  
Wenn dieses Herz im Jammer bricht,  
wird's Senta sein, die für mich spricht?  
Wenn dieses Herz usw.

**Senta**  
Wie? zweifelst du an meinem Herzen?  
Du zweifelst, ob ich gut dir bin?  
Oh! sag, was weckt dir solche Schmerzen,  
was trübt mit Argwohn deinen Sinn?

**Erik**  
Dein Vater... ach! nach Schätzen geizt er nur!  
Und Senta, du... wie dürft' auf dich ich zählen?  
Erfülltest du nur eine meiner Bitten?  
Kränkst du mein Herz nicht jeden Tag?

**Senta**  
Dein Herz?

**Erik**  
Was soll ich denken? Jenes Bild...

**Senta**  
Das Bild?

**Erik**  
Lässt du von deiner Schwärmerei wohl ab?

**Senta**  
Kann meinem Blick Teilnahme ich verwehren?

**Erik**  
Und die Ballade, heut' noch sangst du sie!

*(Mary fez as moças saírem e as acompanha. Senta também quer sair. Erik a retém.)*

**Erik**  
Fica, Senta! Fica só um instante!  
Livra-me dos meus tormentos!  
Mas, se assim o quiseses, ah!, então destrói-me todo!

**Senta**  
O que é que há? O que pretendes?

**Erik**  
Ah, Senta, dize o que vai ser de mim?  
Teu pai está chegando, antes de ele voltar a viajar,  
ele irá fazer o que, muitas vezes, ele já quis...

**Senta**  
E o que tu queres dizer?

**Erik**  
Dar-te um esposo!  
Meu coração pleno de fidelidade até a morte,  
minhas poucas posses, minha sorte de caçador,  
posso com isso pedir a tua mão?  
Será que teu pai não me rejeitará?  
Se, então, meu coração se romper de dor,  
dize, Senta, quem, então intercederá por mim?  
Se, então, meu coração (etc.)

**Senta**  
Ah! Cala-te Erik, agora!  
Me deixa sair para saudar o pai!  
Se, como de outras vezes, a filha não for a bordo,  
não terá ele que se zangar? (etc.)

**Erik**  
Tu queres fugir de mim?

**Senta**  
Eu tenho que ir ao porto!

**Erik**  
Procuras esquivar-te de mim?

**Senta**  
Ah, me deixa sair!

**Erik**  
Procuras esquivar-te de mim? Tu queres fugir de mim? (etc.)

**Senta**  
Ah, me deixa sair! Eu tenho que ir ao porto!  
Ah, me deixa sair!

**Erik**  
Estás esquivando-te dessa ferida  
que me infligiste na ilusão do amor?  
Ah, ouve-me nesta hora,  
escuta a minha última pergunta!  
Quando esse coração se romper de dor,  
irá a Senta pleitear por mim?  
Quando esse coração (etc.)

**Senta**  
Como? Duvidas de meu coração?  
Tens dúvida de que te quero bem?  
Oh! dize o que te causa tais sofrimentos,  
o que é que turva de suspeita a tua idéia?

**Erik**  
Teu pai... ah! ele só tem ambição por tesouros!  
E Senta, tu... como poderia eu contar contigo?  
Tu me atendes sequer a um pedido meu?  
Não humilhas, cada dia, o meu coração?

**Senta**  
O teu coração?

**Erik**  
O que devo eu pensar? Aquele retrato...

**Senta**  
O retrato?

**Erik**  
Desistirás dessa tua exaltação?

**Senta**  
Posso negar simpatia à minha vista?

**Erik**  
E a balada, ainda hoje a cantaste!

**Senta**  
Ich bin ein Kind, und weiss nicht was ich singe!  
O sag, wie? Fürchtest du ein Lied, ein Bild?

**Erik**  
Du bist so bleich, sag, sollte ich's nicht fürchten?

**Senta**  
Soll mich des Ärmsten Schreckenslos nicht  
rühren?

**Erik**  
Mein Leiden, Senta, rührt es dich nicht mehr?

**Senta**  
Oh, prahle nicht! Was kann dein Leiden sein?

Kennst jenes Unglücksel'gen Schicksal du?

*(führt Erik dicht vor das Bild und deutet darauf)*

Fühlst du den Schmerz, den tiefen Gram,  
mit dem herab auf mich er sieht?  
Ach! was die Ruhe für ewig ihm nahm,  
wie schneidend Weh durchs Herz mir zieht, usw.

**Erik**  
Weh' mir! Es mahnt mich mein unsel'ger Traum.  
Gott schütze dich! Satan hat dich umgarnt!

**Senta**  
Was erschreckt dich so?

**Erik**  
Senta, lass dir vertrauen!  
Ein Traum ist's, hör ihn zur Warnung an!

*(Senta setzt sich erschöpft in den Lehnstuhl nieder. Bei dem Beginn von Eriks Erzählung versinkt sie wie in magnetischen Schlaf, so dass es scheint, als träume sie den von ihm erzählten Traum ebenfalls.)*

Auf hohem Felsen lag ich träumend,  
sah unter mir des Meeres Flut,  
die Brandung hört' ich, wie sich schäumend  
am Ufer brach der Wogen Wut!  
Ein fremdes Schiff am nahen Strande  
erblickt' ich seltsam, wunderbar;  
zwei Männer nahten sich dem Lande,  
der Ein', ich sah's, dein Vater war.

**Senta (mit geschlossenen Augen)**  
Der Andre?

**Erik**  
Wohl erkannt' ich ihn...  
Mit schwarzem Wams, die bleiche Mien'...

**Senta**  
Der düst're Blick...

**Erik (auf das Bild deutend)**  
... der Seemann, er!

**Senta**  
Und ich?

**Erik**  
Du kamst vom Hause her,  
du flogst, den Vater zu begrüßen.  
Doch kaum noch sah ich an dich langen,  
du stürztest zu des Fremden Füßen,  
ich sah dich seine Knie umfassen...

**Senta (mit steigender Spannung)**  
Er hub mich auf...

**Erik**  
An seine Brust,  
voll Inbrunst hingst du dich an ihn,  
du küsstest ihn mit heisser Lust...

**Senta**  
Und dann?

**Erik (Senta mit unheimlicher Verwunderung anblickend)**  
Sah ich aufs Meer euch fliehn.

**Senta (schnell erwachend, in höchster Begeisterung)**  
Er sucht mich auf! Ich muss ihn sehn!

**Senta**  
Eu sou uma criança, e não sei o que canto!  
Dize-me, será? Tens medo de uma canção, de um retrato?

**Erik**  
Tu estás tão pálida, dize, não é para eu ter medo?

**Senta**  
Não me deve comover a terrível sina do coitado?

**Erik**  
O meu sofrer, Senta, não te comove mais?

**Senta**  
Oh, não exageres! Qual poderia ser o teu sofrimento?  
Acaso conheces tu a sina desse infeliz?

*(conduz Erik até bem perto diante do retrato, mostrando-lh'o)*

Sentes a dor, a profunda tristeza,  
com que ele me olha daí?  
Ah! o que dele tirou, para sempre, a tranquilidade,  
como isso me atravessa, contundente, o coração, (etc.)

**Erik**  
Tem pena de mim! Avisou-m'o meu infausto sonho.  
Deus te proteja! Satã te enredou!

**Senta**  
O que é que tanto te assusta?

**Erik**  
Senta, vou t'o confiar!  
Foi um sonho, ouça e tenha-o como advertência!

*(Senta, esgotada, senta-se na poltrona. Ao início do relato de Erik, ela mergulha como se fosse num sono imantado, dando a impressão que ela também está sonhando o mesmo sonho que ele lhe conta.)*

Num alto rochedo estava eu deitado, a sonhar,  
por baixo de mim eu via o caudal do mar,  
eu escutava o movimento das ondas, à medida  
que, zangadamente, se rompiam contra a costa.  
Divisei, de forma estranha, milagrosa,  
um navio desconhecido na praia ali perto;  
dois homens se acercavam à terra,  
um deles, eu o vi, era o teu pai.

**Senta (de olhos fechados)**  
O outro?

**Erik**  
Bem que o reconheci...  
De colete preto, a pálida feição...

**Senta**  
O olhar sombrio...

**Erik**  
... o homem-do-mar, ele!

**Senta**  
E eu?

**Erik**  
Tu vinhas caminhando da casa,  
corrias para saudar o pai.  
Vi que, apenas tu ias chegando,  
te atiraste aos pés do forasteiro,  
vi-te a abraçar-te as pernas...

**Senta (cada vez mais tensa)**  
Ele me levantou...

**Erik**  
Em seu peito,  
cheia de ardor, tu te penduraste,  
beijavas-o num gozo ardente...

**Senta**  
E depois?

**Erik (olhando para Senta, inquietantemente perplexo)**

Vi-vos ambos a escapar para o mar.

**Senta (acordando de repente, em êxtase máximo)**  
Ele está vindo me procurar! Eu tenho que vê-lo!

**Erik**  
Entsetzlich! Mir wird es klar!

**Senta**  
Mit ihm muss ich zu Grunde gehn!

**Erik**  
Sie ist dahin! Mein Traum sprach wahr!

*(Erik stürzt voll Verzweiflung und Entsetzen ab. Senta, nach dem Ausbrüche ihrer Begeisterung in stummes Sinnen versunken, verbleibt in ihrer Stellung, den Blick auf das Bild geheftet.)*

**Senta**  
Ach, möchtest du, bleicher Seemann, sie finden!  
Betet zum Himmel, dass bald ein Weib Treue ihm . . .

*(Die Türe geht auf, der Holländer und Daland zeigen sich.)*

**Senta**  
Ha!  
*(Der Holländer ist sogleich eingetreten; Sentas Blick streift von dem Bilde auf ihn; sie stößt einen gewaltigen Schrei der Überraschung aus, und bleibt wie fest gebannt stehen, ohne ihr Auge vom Holländer abzuwenden. Der Holländer schreit, die Augen auf Senta geheftet, langsam nach vorne. Daland ist unter der Tür stehen geblieben, und scheint zu erwarten, dass ihm Senta entgegen komme.)*

**Daland** *(sich Senta nähernd)*  
Mein Kind, du siehst mich auf der Schwelle . . .  
Wie? kein Umarmen, keinen Kuss?  
Du bleibst gebannt an deiner Stelle?  
Verdien ich, Senta, solchen Gruss?

**Senta** *(ergreift seine Hand)*  
Gott dir zum Gruss!  
*(ihn näher an sich ziehend)*  
Mein Vater, sprich, wer ist der Fremde?

**Daland**  
Drängst du mich?

SEITE 5

**Daland**  
Mögst du, mein Kind, den fremden Mann willkommen heißen!  
Seemann ist er, gleich mir, das Gastrecht spricht er an.  
Lang ohne Heimat, stets auf fernen, weiten Reisen,  
in fremden Landen er der Schätze viel gewann.  
Aus seinem Vaterland verwiesen,  
für einen Herd er reichlich lohnt!  
Sprich, Senta, würd' es dich verdriessen,  
wenn dieser Fremde bei uns wohnt? usw.

*(Senta nickt beifällig mit dem Kopfe. Daland wendet sich dem Holländer zu.)*

Sagt, hab ich sie zu viel gepriesen?  
Ihr seht sie selbst, ist sie Euch recht?  
Soll ich vom Lob noch überfließen?  
Gesteht, sie zieret ihr Geschlecht! usw.

*(Der Holländer macht eine bejahende Bewegung. Daland wendet sich zu Senta.)*

Mögst du, mein Kind, dem Manne freundlich dich erweisen!  
Von deinem Herzen auch spricht holde Gab' er an;  
reich ihm die Hand, denn Bräutigam sollst du ihn heißen!  
Stimmst du dem Vater bei, ist morgen er dein Mann,

*(Senta macht eine zuckende, schmerzliche Bewegung.)*

ist morgen er dein Mann.

*(Er zieht einen Schmuck hervor und zeigt ihn Senta.)*

Sieh dieses Band, sieh diese Spangen!  
Was er besitzt, macht dies gering.  
Muss, teures Kind, dich's nicht verlangen?  
Dein ist es, wechselst du den Ring!

*(Senta, ohne ihn zu beachten, wendet ihren Blick nicht vom Holländer ab, so wie auch dieser, ohne auf Daland zu hören, nur in den Anblick des Mädchens versunken ist.)*

**Erik**  
Horribel! Agora começo a entender!

**Senta**  
Junto com ele tenho que perecer!

**Erik**  
Ela não tem jeito! Meu sonho era verdade!

*(Cheio de desespero e horror, Erik se afasta correndo. Senta, depois da explosão de seu entusiasmo mergulhada em muda introspecção, continua na mesma posição, com o olhar pregado no retrato.)*

**Senta**  
Ah, oxalá que tu, pálido homem-do-mar, a aches!  
Orai aos céus para que, logo, u'a mulher fiel lhe...

*(Abre-se a porta, aparecem o holandês e Daland.)*

**Senta**  
Ah!

*(O holandês entrou imediatamente; o olhar de Senta se lança do retrato para ele; ela dá um forte grito de surpresa, e fica parada como que encantada, sem tirar a sua vista do holandês. O holandês caminha, os olhos fixos em Senta, lentamente para adiante. Daland permaneceu sob a porta, parecendo esperar que Senta venha a ele.)*

**Daland** *(acercando-se a Senta)*  
Minha filha, tu me vês na soleira...  
Como? Nenhum abraço, nenhum beijo?  
Tu ficas parada, como que encantada, em teu lugar?  
Mereço, Senta eu ser saudado assim?

**Senta** *(pega a sua mão)*  
Em Deus te saúdo!

*(puxando-o mais para perto de si)*

Meu pai, dize, quem é o forasteiro?

**Daland**  
Me apressas?

DISCO III - LADO 1

**Daland**  
Vem, minha filha, dar as boas-vindas ao homem forasteiro!  
Homem-do-mar ele é, como eu, ele vem invocar o direito à hospitalidade.  
Há muito sem lar, constantemente em distantes longas viagens,  
em terras estranhas muitos tesouros ele conquistou.  
Banido de sua pátria,  
por uma lareira ele oferece rica recompensa!  
Dize, Senta, ficarias zangada,  
se esse forasteiro se alojasse conosco? *(etc.)*

*(Senta meneia afirmativamente a cabeça. Daland se dirige ao holandês.)*

Dizei, eu a louvei demais?  
Vós próprio a vedes, ela vos convém?  
Devo ainda elogiar-la mais?  
Confessai, ela ornamenta o seu sexo! *(etc.)*

*(O holandês faz um movimento de assentimento. Daland se dirige a Senta.)*

Queira tu, minha filha, mostrar-te simpática a esse homem!  
Também de teu coração ele solicita gracioso dote;  
dá-lhe a mão, pois de noivo deves tu chamá-lo!  
Se concordares com o pai, teu esposo ele será amanhã,

*(Senta esboça um movimento abrupto, doloroso.)*

teu esposo ele será amanhã.

*(Ele tira uma jóia, mostrando-a a Senta.)*

Vê esse bracelete, vê esses broches!  
O que ele possui, faz disso pouco.  
Filha querida, isso não te tenta?  
É tudo teu, se trocares o anel!

*(Senta, sem dar-lhe atenção, não tira seu olhar do holandês, da mesma forma que esse, sem dar ouvidos a Daland, está perdido em contemplar a moça.)*

Doch Keines spricht? Sollt ich hier lästig sein?  
So ist's! Am Besten lass' ich sie allein.

*(Er betrachtet den Holländer und Senta aufmerksam, und wendet sich dann zu dieser.)*

Mögst du den edlen Mann gewinnen!  
Glaub mir, solch Glück wird nimmer neu,  
wird nimmer neu!

*(zum Holländer)*

Bleibt hier allein! Ich geh von hinnen.  
Glaubt mir, wie schön, so ist sie treu, so ist sie treu. usw.

*(Daland entfernt sich langsam, indem er Senta und den Holländer in der neugierigen Erwartung, ob sie sich einander nähern werden, eine Zeitlang beobachtet; endlich geht er in verdriesslicher Verwunderung ab. Der Holländer und Senta sind allein, sie bleiben bewegungslos, in ihren gegenseitigen Anblick versunken, auf ihrer Stelle.)*

**Holländer**

Wie aus der Ferne längst vergang'ner Zeiten spricht dieses Mädchens Bild zu mir;  
wie ich's geträumt seit bangen Ewigkeiten,  
vor meinen Augen seh ich's hier.\*\*  
Wohl hub auch ich voll Sehnsucht meine Blicke aus tiefer Nacht empor zu einem Weib;  
ein schlagend Herz liess, ach! mir Satens Tücke, dass eingedenk ich meiner Qualen bleib'!  
Die düstre Glut, die hier ich fühle brennen, sollt' ich, Unseliger, sie Liebe nennen?  
Ach nein! Die Sehnsucht ist es nach dem Heil, würd' es durch solchen Engel mir zu Teil! usw.

**Senta**

Versank ich jetzt in wunderbares Träumen?  
Was ich erblicke, ist's ein Wahn?

Weilt' ich bisher in trügerischen Räumen?  
Brach des Erwachens Tag heut' an?  
Er steht vor mir mit leidenvollen Zügen,  
es spricht sein unerhörter Gram zu mir,  
kann tiefen Mitleids Stimme mich belügen?  
Wie ich ihn oft gesehn, so steht er hier.  
Die Schmerzen, die in meinem Busen brennen, ach! dies Verlangen, wie soll ich es nennen?  
Wonach mit Sehnsucht es dich treibt, das Heil würd' es, du Ärmster, dir durch mich zu Teil! usw.  
Wonach mit Sehnsucht, usw.

**Holländer**

Wie aus der Ferne . . . *(bis \*\* wiederholen)*  
Die düstre Glut, usw.

*(sich Senta etwas nähernd)*

Wirst du des Vaters Wahl nicht schelten?  
Was er versprach, wie, dürft' es gelten?  
Du könntest dich für ewig mir ergeben,  
und deine Hand dem Fremdling reichtest du?  
Soll finden ich, nach qualenvollem Leben,  
in deiner Treu' die lang ersehnte Ruh'? usw.

**Senta**

Wer du auch seist, und welches das Verderben,  
dem grausam dich dein Schicksal konnte weihn,  
was auch das Los, das ich mir sollt' erwerben,  
gehorsam stets werd ich dem Vater sein.

**Holländer**

So unbeding, wie? könnte dich durchdringen für meine Leiden tiefstes Mitgefühl?

**Senta** *(für sich)*

Oh! welche Leiden! Könnst' ich Trost dir bringen!

**Holländer** *(der Senta's Ausruf vernommen hat)*  
Welch holder Klang im nächtigen Gewühl!  
Du bist ein Engel, eines Engels Liebe  
Verworf'ne selbst zu trösten weiss!  
Ach, wenn Erlösung mir zu hoffen bliebe,  
Allewiger, durch Diese sei's!

**Senta**

Ach, wenn Erlösung ihm zu hoffen bliebe,  
Allewiger, durch mich nur sei's!

**Holländer**

Allewiger, usw.

Ninguém diz nada? Será que estou incomodando aqui?  
É isso! O melhor é deixá-los sozinhos.

*(Ele observa atentamente o holandês e Senta, dirigindo-se finalmente a ela.)*

Oxalá conquistes o nobre homem!  
Crê-me, tanta sorte não se repete,  
nunca se há de repetir!

*(ao holandês)*

Ficai aqui sozinhos! Eu vou embora.  
Crede-me tanto quanto bonita ela é fiel, tanto ela é fiel. *(etc.)*

*(Daland se afasta lentamente, enquanto ainda observa, durante algum tempo, Senta e o holandês, na curiosa expectativa de saber, se ambos se aproximarão mais; finalmente, ele sai, demonstrando certa estranheza aborrecida. O holandês e Senta estão a sós, ambos se mantêm imóveis em seus lugares, mergulhados em recíproca contemplação.)*

**Holandês**

Como se fosse da distância de tempos já há muito passados  
fala-me a imagem dessa moça;  
tal como o sonhei há temerosas eternidades,  
ante os meus olhos eu a vejo aqui.\*\*  
Também eu, cheio de anseios, em noites profundas elevava a vista para a visão de uma mulher;  
deixou-me um coração que bate, ah! a perfídia de Satã, para que eu lembrasse sempre os meus tormentos!  
O sombrio ardor, que aqui sinto queimar, devo eu, infeliz, chamá-lo de amor?  
Ah, não! É a ânsia da redenção,  
que oxalá através de tal anjo me seja concedida! *(etc.)*

**Senta**

Teria eu agora mergulhado em sonhos maravilhosos?  
O que vejo será ilusório?

Permaneci até agora em ambientes ilusórios?  
Será que só hoje rompeu o dia de meu despertar?  
Ele está de pé à minha frente, com traços marcados pela dor,  
sua inaudita amargura fala a mim e me toca,  
poderia a voz de uma profunda pena me estar mentindo?  
Como tantas vezes o vi, assim ele está de pé aqui.  
As dores que em meu peito ardem,  
ah! esse anseio, como devo chamá-lo?  
Aquilo que tu buscas com anseio, a redenção oxalá, tu, pobre coitado, por mim te seja proporcionada! *(etc.)*  
Aquilo que tu buscas com anseio, *(etc.)*

**Holandês**

Como se fosse da distância... *(repetir até\*\*)*  
O sombrio ardor, *(etc.)*

*(aproximando-se um pouco de Senta)*

Não irás condenar a escolha do pai?  
O que ele prometeu, será? Poderia valer?  
Poderias tu devotar-te a mim eternamente,  
e darias tua mão ao forasteiro?  
Poderei eu encontrar, após vida cheia de tormentos,  
através da tua fidelidade o descanso há tanto almejado? *(etc.)*

**Senta**

Não importa quem sejas e qual a perdição,  
à qual cruelmente teu destino te entregou,  
não importa qual seja a sina que eu venha assumir,  
obediente sempre serei ao pai.

**Holandês**

Assim tão incondicionalmente, será? Poderia penetrar-te a pena mais profunda para com meus sofrimentos?

**Senta** *(consigo mesma)*

Oh! que sofrimentos! Poderia eu trazer-te consolo!

**Holandês** *(que chegou a perceber a exclamação de Senta)*

Que som tão doce no tumulto da noite!  
Tu és um anjo, o amor de um anjo sabe consolar mesmo os desgraçados!  
Ah, se esperança de salvação me restar,  
Deus imortal, através dela o seja!

**Senta**

Ah, se esperança de salvação lhe restar,  
Deus imortal, através de mim só o seja!

**Holandês**

Deus imortal, *(etc.)*

Ach! Könntest das Geschick du ahnen,  
dem dann mit mir du angehört,  
dich würd' es an das Opfer mahnen,  
das du mir bringst, wenn Treu' du schwörst!  
Es flöhe schauernd deine Jugend  
dem Lose, dem du sie willst weihn,  
nennst du des Weibes schönste Tugend,  
nennst ew'ge Treue du nicht dein! usw.

**Senta**  
Wohl kenn ich Weibes heil'ge Pflichten;  
sei drum getrost, unsel'ger Mann!  
Lass über die das Schicksal richten,  
die seinem Spruche trotzen kann!  
In meines Herzens höchster Reine  
kenn ich der Treue Hochgebot.  
Wem ich sie weih, schenk ich die Eine,  
die Treue bis zum Tod!

**Holländer**  
Ein heil'ger Balsam meinen Wunden . . .

**Senta**  
Von mächt'gem Zauber überwunden . . .

**Holländer**  
. . . dem Schwur, dem hohen Wort entfließt.

**Senta**  
. . . reisst mich's zu seiner Rettung fort.

**Holländer**  
Hört es: mein Heil . . .

[. . . mein Heil hab ich gefunden!

**Senta**  
Hier habe Heimat er gefunden!

**Holländer**  
Mächte, ihr Mächte . . .

[. . . die ihr zurück mich stießt!

**Senta**  
Hier ruh' sein Schiff in sich'rem Port!

**Holländer**  
Hört es, ihr Mächte,  
hört es, ihr Mächte, die ihr zurück mich stießt!  
Hört es: mein Heil,  
mein Heil hab ich gefunden,  
Mächte, die ihr zurück mich stießt! usw.  
Du, Stern des Unheils, sollst erblassen!  
Licht meiner Hoffnung, leuchte neu!  
Ihr Engel, die mich einst verlassen,  
stärkt jetzt dies Herz in seiner Treu'!  
Ihr Engel, usw.

**Senta**  
Hier ruh' sein Schiff,  
hier ruh' sein Schiff in sich'rem Port! usw.  
Was ist's, das mächtig in mir lebet,  
das mächtig in mir lebet?  
Was schliesst berauscht mein Busen ein,  
was schliesst mein Busen ein?  
Allmächtiger, was so hoch mich erhebet,  
lass es die Kraft der Treue sein!  
Allmächtiger! Allmächtiger! usw.

(Daland tritt wieder auf.)

**Daland**  
Verzeiht! Mein Volk hält draussen sich nicht  
mehr;  
nach jeder Rückkunft, wisset, gibt's ein Fest.  
Verschönern möcht ich's, komme deshalb her,  
ob mit Verlobung sich's vereinen lässt?  
(zum Holländer)  
Ich denk, ihr habt nach Herzenswunsch gefreit?  
(zu Senta)  
Senta, mein Kind! Sag, bist auch du bereit?

#### ENSEMBLE

**Senta** (mit feierlicher Entschlossenheit)  
Hier meine Hand, und ohne Reu'  
bis in den Tod gelob ich Treu'!  
Ja, ohne Reu'  
bis in den Tod, usw.

Ah! Pudesses tu prever o destino,  
Que, então, comigo irás partilhar,  
isso para ti seria advertência do sacrifício  
que me ofereces, ao jurar fidelidade a mim!  
Escaparia, arrepiada, a tua juventude  
à sina, à qual pretendes consagrá-la,  
se não for tua a mais linda virtude da mulher,  
se não for a tua a fidelidade eterna! (etc.)

**Senta**  
Sei bem dos deveres sagrados da mulher;  
por isso não te preocupes, infeliz homem!  
Deixai que sentencie sobre o destino,  
quem tiver como desafiar sua sentença!  
Na pureza mais recôndita de meu coração  
conheço bem da fidelidade o mandamento.  
A quem eu a consagrar, concedo-lhe a única,  
a fidelidade até a morte!

**Holandês**  
Bálsamo sagrado para minhas feridas...

**Senta**  
Tomada por um encanto poderoso...

**Holandês**  
... advém do juramento, das nobres palavras.

**Senta**  
... impelida me sinto para a sua salvação.

**Holandês**  
Ouvi-lo: minha redenção...

[... minha redenção eu encontrei!

**Senta**  
Aqui tenha ele encontrado o lar!

**Holandês**  
Forças, vós forças

[... que me rejeitastes!

**Senta**  
Aqui oxalá que seu navio descance em porto seguro!

**Holandês**  
Ouvi-lo vós forças,  
ouvi-lo, vós forças que me rejeitastes!  
Ouvi-lo: minha redenção,  
minha redenção a encontrei,  
Forças que me rejeitastes! (etc.)  
Tu, estrela da desgraça, irás empalidecer!  
Luz de minha esperança, volta a brilhar!  
Vós, anjos que no passado me abandonastes,  
fortealecei agora esse coração em sua fidelidade!  
Vós, anjos, (etc.)

**Senta**  
Aqui oxalá que seu navio descance,  
aqui oxalá que seu navio descance em porto seguro! etc.  
O que é que poderosamente em mim vibra,  
que poderosamente em mim vibra?  
Qual é o encanto que se esconde em meu peito?  
o que é que se esconde em meu peito?  
Deus onipotente, o que tanto me enleva,  
permita que seja o poder da fidelidade!  
Deus onipotente! Deus onipotente! (etc.)

(Daland surge de novo.)

**Daland**  
Perdoai! Não há mais jeito de segurar  
o povo lá fora;  
após cada regresso, o sabeis, há uma festa.  
Quisera torná-la mais linda, por isso vim aqui,  
se for possível associá-la a noivado?  
(ao holandês)  
Imagino que pudestes cortejar à vontade?

(à Senta)

Senta, minha filha! Dize, também tu estás disposta?

#### CONJUNTO TODO

**Senta** (com solene determinação)  
Aqui eis minha mão, e sem arrependimento  
até a morte juro fidelidade!  
Sim, sem arrependimento  
até a morte, (etc.)

**Daland**  
Euch soll dies Bündnis nicht gereun,  
es soll euch nicht gereun, usw.  
Zum Fest! Zum Fest!  
Heut soll sich Alles freun! usw.  
Euch soll das Bündnis nicht gereun! usw.

**Holländer**  
Sie reicht die Hand, gesprochen sei  
Hohn, Hölle, dir,  
Hohn, Hölle, dir durch ihre Treu'!  
Sie reicht die Hand, usw.

## ENDE DES ZWEITEN AUFZUGS

## DRITTER AUFZUG

(Seebucht mit felsigem Gestade; das Haus Dalands zur Seite. Ziemlich nah bei einander liegend die beiden Schiffe, das des Norwegers und des Holländers. Helle Nacht: das norwegische Schiff ist erleuchtet: die Matrosen desselben sind auf dem Verdeck. Jubel und Freude. Die Haltung des holländischen Schiffes bietet einen unheimlichen Kontrast: eine unnatürliche Finsternis ist über dasselbe ausgebreitet; es herrscht Todesstille auf ihm.)

**Norwegische Matrosen** (auf ihrem Schiffe)  
Steuermann, lass die Wacht!  
Steuermann, her zu uns!  
Ho! He! Je! Ha!  
Hisst die Segel auf! Anker fest!  
Steuermann, her!  
Fürchten weder Wind noch bösen Strand,  
wollen heute 'mal recht lustig sein!  
Jeder hat sein Mädél auf dem Land,  
herrlichen Tabak und guten Brannntwein!  
Hussassa he! Klipp' und Sturm draus,  
(Jolloho he!) lachen wir aus!  
Hussassa he! Segel ein! Anker fest!

Klipp' und Sturm lachen wir aus!  
Steuermann, lass die Wacht!  
Steuermann, her zu uns!  
Ho! He! Je! Ha!  
Steuermann her! Trink mit uns!  
Ho! He! Je! Ha!  
Klipp' und Sturm, he! sind vorbei, he!  
Hussa he! Hallo he! Hussa he!  
Steuermann! ho!  
Her, komm und trink mit uns!

(Sie tanzen auf dem Verdeck, indem sie den Niederschlag jedes Taktes mit starkem Aufstampfen der Füße begleiten. Die Mädchen kommen aus dem Hause, sie tragen Körbe mit Speisen und Getränken.)

**Mädchen**  
Mein, seht doch an! usw.  
Seht doch an! Sie tanzen gar!  
Der Mädchen bedarf's da nicht fürwahr!

(Sie gehen auf das holländische Schiff zu.)

**Matrosen**  
He! Mädél! Halt! Wo geht ihr hin?

**Mädchen**  
Steht euch nach frischem Wein der Sinn?  
Eu'r Nachbar dort soll auch 'was haben!  
Ist Trank und Speis' für euch allein?

**Steuermann**  
Fürwahr! Tragt's hin den armen Knaben,  
vor Durst, vor Durst sie scheinen matt zu sein.

**Matrosen**  
Man hört sie nicht.

**Steuermann**  
Ei seht doch nur!  
Kein Licht,  
von der Mannschaft keine Spur!

**Daland**  
Esse pacto não o lamentareis,  
não o lamentareis, (etc.)  
Vamos à festa! Vamos à festa!  
Hoje todos devem se regozijar! (etc.)  
Essa união não a lamentareis! (etc.)

**Holandês**  
Ela estende a mão, falado está.  
Escárnio, inferno, para ti,  
Escárnio, inferno, para ti pela fidelidade dela!  
Ela estende a mão, (etc.)

## FINAL DO SEGUNDO ATO

## TERCEIRO ATO

(Baía de mar em região rochosa; a casa de Daland fica lateralmente. Bastante perto um do outro estão amarrados os dois navios, o do norueguês e o do holandês. Noite clara: o navio norueguês está iluminado: os marujos do mesmo estão no convés, cheios de júbilo e alegria. A apresentação do navio holandês dá idéia de um medonho contraste: sobre ele estende-se uma escuridão lúgubre; nele reina um silêncio mortal.)

**Marujos noruegueses** (a bordo de seu navio)  
Timoneiro, deixa a guarda p'ra lá!  
Timoneiro, vem p'ra cá conosco!  
Ó! Ê! Iê! Ah!  
Recolhei as velas! As âncoras bem firmes!  
Timoneiro, vem p'ra cá!  
Nem vento nem praias malvadas tememos,  
hoje queremos dar todo o azo à alegria!  
Cada um tem sua namorada em terra,  
maravilhoso fumo e ótima champanha.  
Hurra, hurra! Arrecifes e tempestades lá fora  
(Iô-iô-ô ê!) deles fazemos troça!  
Hurra hurra, ê! As velas recolhidas! As âncoras bem firmes!

De arrecifes e tempestades fazemos troça!  
Timoneiro, deixa a guarda p'ra lá!  
Timoneiro, vem p'ra cá conosco!  
Ó! Ê! Iê! Ah!  
Arrecifes e tempestades, êi, se acabaram, êi!  
Hurra ê! Hurra ê!  
Timoneiro! Oi!  
P'ra cá, vem e bebe conosco!

(Ficam dançando no convés, acompanhando as tônicas dos compassos com forte pisar dos pés. As moças vêm saindo da casa, trazendo cestas cheias de iguarias e bebidas.)

**Moças**  
Puxa, vede só! (etc.)  
Vede só! Até estão dançando!  
De moças ali não parecem precisar!

(Elas se encaminham para o navio holandês.)

**Marujos**  
Êi, Oh, moças! Alto lá! Aonde estais indo?

**Moças**  
Tendes vontade de tomar um vinho bem fresco?  
Vosso vizinho ali também deveria receber um pouco!  
A bebida e a comida é para vós sozinhos?

**Piloto**  
É mesmo! Levem-n'os para os pobres rapazes,  
de sede, de tanta sede parecem estar fracos.

**Marujos**  
Não dá para ouvi-los.

**Piloto**  
Êi, mas vede só!  
Nenhuma luz,  
da tripulação nem vestígio!



**Mädchen** (*dicht am Ufer in das holländische Schiff hineinrufend*)  
He! Seeleut'! He! Wollt Fackeln ihr?  
Wo seid ihr doch? Man sieht nicht hier!

**Matrosen** (*lachend*)  
Ha ha ha!  
Weckt sie nicht auf! Sie schlafen noch!

**Mädchen**  
He! Seeleut'! He! Antwortet doch!

SEITE 6

**Matrosen**  
Ha ha!  
(*spöttisch, mit affektierter Traurigkeit*)  
Wahrhaftig, sie sind tot.  
Sie haben Speis' und Trank nicht not!

**Mädchen** (*in das holländische Schiff hineinrufend*)  
Ei, Seeleute, liegt ihr so faul schon im Nest?  
Ist heute für euch denn nicht auch ein Fest?

**Matrosen**  
Sie liegen fest auf ihrem Platz,  
wie Drachen hüten sie den Schatz.

**Mädchen**  
He! Seeleute, wollt ihr nicht frischen Wein?  
Ihr müsset wahrlich doch durstig auch sein!

**Matrosen**  
Sie trinken nicht, sie singen nicht,  
in ihrem Schiffe brennt kein Licht.

**Mädchen**  
Sagt, habt ihr denn nicht auch ein Schätzchen  
am Land?  
Wollt ihr nicht mittanzen auf freundlichem  
Strand?

**Matrosen**  
Sie sind schon alt und bleich statt rot,  
und ihre Liebsten, die sind tot.

**Mädchen** (*immer stärker und ängstlicher rufend*)  
He! Seeleut'! Seeleut'! Wacht doch auf!  
Wir...

[... bringen euch Speis' und Trank zu Hauf'!

**Matrosen**  
He! Seeleut'!

**Mädchen und Matrosen**  
Seeleut'! Seeleut'! Seeleut'! Wacht doch auf! usw.

**Mädchen** (*betroffen und furchsam*)  
Wahrhaftig, ja! Sie scheinen tot!  
Sie haben Speis' und Trank nicht not!

**Matrosen** (*mit steigender Ausgelassenheit*)  
Vom fliegenden Holländer wisst ihr ja,  
sein Schiff, wie es leibt, wie es lebt, seht ihr da!

**Mädchen**  
So weckt die Mannschaft ja nicht auf!  
Gespenster sind's, wir schwören drauf!

**Matrosen**  
Wieviel hundert Jahre schon seid ihr zur See?  
Euch tut ja der Sturm und die Klippe nicht weh!

**Mädchen**  
Sie trinken nicht, sie singen nicht,  
in ihrem Schiffe brennt kein Licht.

**Matrosen**  
Habt ihr keine Brief', keine Auftr'g' fürs Land?  
Unsern Urgrossvätern wir bringen's zur Hand!

**Mädchen**  
Sie sind schon alt und bleich statt rot,  
und ihre Liebsten, ach! sind tot!

**Matrosen**  
Hei! Seeleute, spannt eure Segel doch auf  
und zeigt uns des fliegenden Holländers Lauf!

**Moças** (*junto à margem da costa, gritam para dentro do navio holandês*)  
Êi! Gente-do-mar! Quereis tochas?  
Onde estais vós? Nada se enxerga daqui!

**Marujos** (*rindo*)  
Ah, ah, ah!  
Não os acordeis! Eles ainda estão dormindo!

**Moças**  
Êi! Gente-do-mar! Êi, respondam-nos!

DISCO III - LADO 2

**Marujos**  
Ah, ah!  
(*em tom de troça, com uma tristeza fingida*)  
De fato, eles estão mortos.  
Não precisam eles de comida nem bebida!

**Moças** (*gritando para dentro do navio holandês*)  
Êi, gente-do-mar, de tão preguiçosos deitados no  
ninho?  
Será que para vós hoje não é também dia de festa?

**Marujos**  
Estão eles agarrados firmes a seu lugar,  
como dragões guardam eles o tesouro.

**Moças**  
Êi! Gente-do-mar, vós não quereis vinho fresco?  
Decerto, também tendes que estar com sede!

**Marujos**  
Eles não bebem, eles não cantam,  
em seu navio não arde nenhuma luz.

**Moças**  
Dizei, não tendes vós também uma namoradinha  
em terra?  
Não quereis dançar conosco na simpática  
praia?

**Marujos**  
Eles já são velhos e pálidos em vez de rosados,  
e as namoradas deles, essas já morreram.

**Moças** (*gritando cada vez mais forte e mais amedrontadas*)  
Êi! Gente-do-mar! Gente-do-mar! Tratai de acordar!  
Nós...

[... vos trazemos de comer e de beber à vontade!

**Marujos**  
Êi! Gente-do-mar!

**Moças e Marujos**  
Gente-do-mar! Gente-do-mar! Gente-do-mar! Tratai  
de acordar! (etc.)

**Moças** (*impressionadas e já com medo*)  
De fato, sim! Parece que estão mortos!  
Não precisam eles de comida nem bebida!

**Marujos** (*demonstrando uma saliência crescente*)  
Já teréis ouvido falar do navio fantasma do holandês,  
seu navio, como é, como vive, ali o vedes!

**Moças**  
Então, não acordai essa tripulação de jeito nenhum!  
São fantasmas, juramos que o são!

**Marujos**  
Há quantas centenas de anos já estais no mar?  
A vós não afetam as tempestades nem os arrecifes!

**Moças**  
Eles não bebem, eles não cantam,  
em seu navio não arde nenhuma luz.

**Marujos**  
Não tendes nem carta nem mensagem para levar à  
terra?  
Aos nossos bisavós as entregaremos em mãos!

**Moças**  
Eles já estão velhos e pálidos em vez de rosados,  
e as namoradas deles, ah!, já morreram!

**Marujos**  
Êi! Marujada, colocai vossas velas em posições  
e mostrai-nos como voa sobre os mares o navio  
fantasma do holandês!

**Mädchen** (*entfernen sich furchtsam aus der Nähe des holländischen Schiffes*)  
Sie hören nicht, uns graust es hier!  
Sie wollen nichts, was rufen wir?

**Matrosen**  
Ihr Mädels, lasst die Toten ruhn!  
Lasst sie ruhn!  
Lasst's uns Lebend'gen gülich tun!

**Mädchen** (*den Matrosen ihre Körbe über Bord reichend*)  
So nehmt, der Nachbar hat's verschmäh't!

**Steuermann**  
Wie? Kommt ihr denn nicht selbst an Bord?

**Matrosen**  
Wie? Kommt ihr denn nicht selbst an Bord?

**Mädchen**  
Ei, jetzt noch nicht, es ist ja nicht spät.  
Wir kommen bald, jetzt trinkt nur fort!  
Und wenn ihr wollt, so tanzt dazu,  
nur gönnt dem müden Nachbar Ruh', usw.  
Lasst ihm Ruh', usw.

(*Sie gehen ab.*)

**Matrosen** (*öffnen und leeren die Körbe*)  
Juch-he! - da gibt's die Fülle!  
Lieb' Nachbar, habe Dank!

**Steuermann**  
Zum Rand sein Glas ein Jeder fülle!  
Lieb' Nachbar, liefert uns den Trank!

**Matrosen**  
Halloho! Halloho! Halloho! Halloho!  
Lieb' Nachbarn, habt ihr Stimm' und Sprach',  
so wachet auf und macht's uns nach!

(*Von hier beginnt es sich auf dem holländischen Schiffe zu regen.*)

Wachet auf, wachet auf!  
Auf, macht's uns nach!  
Hussa!  
(*Sie trinken aus.*)  
Steuermann, lass die Wacht!  
Steuermann, her zu uns!  
Ho! Ho! Je! Ha!  
Hisst die Segel auf! Anker fest!  
Steuermann, her!

Wachten manche Nacht bei Sturm und Graus,  
tranken oft des Meer's gesalz'nes Nass;  
heute wachen wir bei Saus und Schmaus,  
besseres Getränk gibt Mädels uns vom Fass!  
Hussassahe! Klipp' und Sturm draus,  
(Jollohe!) lachen wir aus!  
Hussassahe! Segel ein! Anker fest!  
Klipp' und Sturm lachen wir aus!  
Steuermann, lass die Wacht!  
Steuermann, her zu uns!  
Ho! He! He! Ha!  
Steuermann her! Trink mit uns!  
Ho! He! Je! Ha!  
Klipp' und Sturm, ha! sind vorbei! He!  
Hussahe! Hallohe! Hussahe!  
Steuermann! Ho!  
Her, komm und trink mit uns!

(*Das Meer, welches sonst überall ruhig bleibt, hat sich im Umkreis des holländischen Schiffes zu heben begonnen; eine dunkelbläuliche Flamme lodert in diesem als Wachtfeuer auf, heftiger Sturmwind pfeift durch die Tau, die Mannschaft, von der man zuvor nichts sah, hat sich beim Leuchten der Flamme belebt.*)

**Mannschaft des Holländers**  
Jo ho hoe! Jo ho hoe! Ho jo ho hoe! Hoe!  
Hoe! usw.  
Huissa!  
Nach dem Land treibt der Sturm,  
Huissa!  
Segel ein! Anker los!  
Huissa!  
In die Bucht lauft ein! usw.  
Schwarzer Hauptmann, geh ans Land,  
sieben Jahre sind vorbei!

**Moças** (*afastam-se, amedrontadas, de perto do navio holandês*)  
Eles não escutam, estamos aterrorizadas aqui!  
Eles não querem nada, porque vamos chamá-los?

**Marujos**  
Vós, meninas, deixai que descansem os mortos!  
Deixai que descansem!  
Vinde tratar a nós, os vivos, com bondade!

**Moças** (*passando as suas cestas aos marujos a bordo*)  
Tomai, pois o vizinho o desdenhou!

**Piloto**  
Como? Vós próprias não vindes para bordo?

**Marujos**  
Como? Vós próprias não vindes para bordo?

**Moças**  
Êi, ainda não, pois ainda não é tarde,  
Iremos logo, por agora ide bebendo!  
E, se quiserdes, podeis também dançar,  
mas permiti ao vizinho cansado o repouso, (etc.)  
Deixai-o em paz, (etc.)

(*Elas vão embora.*)

**Marujos** (*abrem e vão esvaziando as cestas*)  
Hurra! - aí há de montão!  
Caro vizinho, muito obrigado!

**Piloto**  
Que cada um encha seu copo até os bordos!  
O querido vizinho é que nos fornece a bebida!

**Marujos**  
Alô-ô! Alô-ô-ô-ô! Alô-ô-ô-ô-ô!  
Queridos vizinhos, se possuis voz e língua,  
acordai e tratai de nos imitar!

(*A partir desse momento, começa a haver movimentação no navio holandês.*)

Acordai, acordai!  
Andai, tratai de nos imitar!  
Hurra!

(*Eles acabam de entornar a bebida.*)

Timoneiro, deixa a guarda!  
Timoneiro, vem p'ra cá conosco!  
Ô! Ô! Iê! Ah!  
Prendei as velas! Firmes as âncoras!  
Timoneiro, vem p'ra cá!

Guarda mantivemos muita noite, sob tempestade e horror,  
muitas vezes bebemos a água salgada do mar;  
Hoje damos guarda em meio a festa e banquete,  
do barril a melhor bebida nos oferece a moça!  
Hurra-rá-ê! De arrecifes e tempestades lá fora  
(iô-lô-lô-ê) fazemos troça!  
Hurra-rá! Prendei as velas! Firmes as âncoras!  
De arrecifes e tempestades fazemos troça!  
Timoneiro, deixa a guarda!  
Timoneiro, vem p'ra conosco!  
Ô! Ê! Iê! Ah!  
Timoneiro, vem p'ra cá! Bebe conosco!  
Ô! Ê! Iê! Ah!  
Arrecifes e tempestades, ah!, já acabaram! Ê!  
Hurra-ê! Alô-ê! Hurra-ê!  
Timoneiro! Oi!  
Vem p'ra cá e bebe conosco!

(*O mar, tranqüilo por todas as outras partes, começou a se agitar ao redor do navio holandês; uma chama azul escura dele se levanta como tocha de guarda, violentos ventos assobiam pelas amarras; a tripulação, da qual antes não houvera sinal, adquiriu vida à luminosidade da chama.*)

**Tripulação do Navio Fantasma do Holandês**  
Iô ô oê! Iô ô ô ô-ê! Ô iô ô ô-ê! Ô-ê!  
Ô-ê! (etc.)  
Hurra!  
A terra nos joga o temporal,  
Hurra!  
Prendei as velas! Soltai as âncoras!  
Hurra!  
Aportai na baía! (etc.)  
Negro Comandante, vá à terra,  
sete anos se passaram!

Frei um blonden Mädchens Hand,  
blondes Mädchen, sie ihn treu!  
Lustig heut', hui! Bräutigam! Hui!  
Sturmwind heult Brautmusik,  
Ozean tanzt dazu!  
Hui! – Horch, er pfeift!  
Kapitän! bist wieder da?  
Hui! Segel auf!  
Deine Braut, sag, wo sie blieb?  
Hui! Auf, in See, Kapitän,  
Kapitän, hast kein Glück in der Lieb'!  
Ha ha ha!  
Sause, Sturmwind, heule zu,  
unsern Segeln lässt du Ruh!  
Satan hat sie uns gefeilt,  
reissen nicht in Ewigkeit!  
Ho hoe! usw.

*(Während des Gesanges der Holländer wird ihr Schiff von den Wogen auf und abgetragen, furchtbarer Sturmwind heult und pfeift durch die nackten Taue. Die Luft und das Meer bleiben übrigens, ausser in der nächsten Umgebung des holländischen Schiffes, ruhig wie zuvor. Die norwegischen Matrosen haben erst mit Verwunderung, dann mit Entsetzen zugehört und zugesehen.)*

**Norwegische Matrosen**  
Welcher Sang! Ist es Spuk?  
Ist es Spuk? Welcher Sang!  
Ist es Spuk? Wie mich's graut!  
Wie mich's graut! Ist es Spuk?  
Stimmt an! Unser Lied! Singet laut!  
Steuermann, lass die Wacht!  
Steuermann, her zu uns!

Ho! He! Je! Ha! Singet laut! Singet laut!

**Mannschaft des Holländers**  
Huissa! Jo ho hoe! Jo ho hoe!

**Norwegische Matrosen**  
Steuermann, lass die Wacht!

Steuermann! Ho! He! Je! Ha!  
Steuermann, her zu uns!  
Singet laut! Singet lauter!  
Fürchten weder Wind noch bösen Strand!  
Singet laut! Lauter!  
Steuermann, lass die Wacht!

**Mannschaft des Holländers**  
Huissa! Jo ho hoe! Jo ho hoe!  
Huissa! usw.

Sause, Sturmwind, heule zu, usw.  
Jo ho he! Jo ho hoe! Huissa! usw.

*(Die norwegischen Matrosen, durch den Sturm und des Toben des immer wilder gewordenen Spukes zum Schweigen gebracht, verlassen von Grausen übermanni ihr Verdeck, indem sie das Zeichen des Kreuzes schlagen; die Mannschaft des Holländers, als sie dies gewahrt, schlägt ein bellendes Hohngelächter auf:—)*

Ha ha ha ha ha ha!

*(Sogleich herrscht auf ihrem Schiffe die frühere Totenstille, – dicke Finsternis ist wieder über dasselbe ausgebreitet; Luft und Meer sind ruhig, wie zuvor. Senta kommt bewegten Schrittes aus dem Hause; ihr folgt Erik in der höchsten Aufregung.)*

**Erik**  
Was muss ich hören! Gott, was muss ich sehn!  
Ist's Täuschung? Wahrheit? Ist es Tat?

**Senta**  
O frage nicht! Antwort darf ich nicht geben!

**Erik**  
Gerechter Gott! Kein Zweifel, es ist wahr!  
Welch unheilvolle Macht riss dich dahin?  
Welche Gewalt verführte dich,  
welche Gewalt verführte dich so schnell,  
grausam zu brechen dieses treuste Herz!  
Dein Vater, ha! den Bräut'gam bracht' er mit,  
wohl kenn ich ihn, mir ahnte, was geschieht!  
Doch du . . . ist's möglich! reichest deine Hand  
dem Manne, der deine Schwelle kaum betrat!

Pede a mão da moça loura,  
loura moça, seja-lhe fiel!  
Tudo alegre hoje, ôi! Noivo! Ôi!  
O vento da tempestade uiva música nupcial,  
O oceano a dançar com ela!  
Ôi! - Escuta, ele assobia!  
Comandante! já estás de volta?  
Ôi! Prendam as velas!  
Tua noiva, diz, onde ela ficou?  
Ôi! Vá, comandante, ao mar,  
Comandante, no amor não tens sorte!  
Ah, ah, ah!  
Sopra veloz, vento da tempestade, vá uivando,  
nossas velas tens que deixar em paz!  
Satã no-las preparou,  
elas não rasgam nem na eternidade!  
Ô ô-ê! (etc.)

*(Enquanto os holandeses cantam, seu navio é jogado para cima e para baixo pelas vagas, uiva um terrível vento de tempestade, passando a assobiar pelas amarras desnudas. Aliás, salvo nas proximidades imediatas do navio holandês, o ar e o mar continuam calmos como dantes. Os marujos noruegueses ficaram olhando e ouvindo, primeiro espantados, depois com horror.)*

**Marujos Noruegueses**  
Que canção! Será aparição?  
Será aparição? Que canção!  
Será aparição? Como sinto horror!  
Como sinto horror! Será aparição?  
Levantai as vozes! Nossa canção! Cantai bem alto!  
Timoneiro, deixa a guarda!

Timoneiro, vem p'ra cá conosco!

Ô! Ê! Iê! Cantai bem alto! Cantai bem alto!

**Tripulação do Holandês**  
Hurra! Iô ô ô-ê! Iô ô ô-ê!

**Marujos Noruegueses**  
Timoneiro, deixa a guarda!

Timoneiro! ô! Ê! Iê! Ah!  
Timoneiro, vem p'ra cá conosco!  
Cantai bem alto! Cantai mais alto ainda!  
Nem ventos nem praias malvadas tememos!  
Cantai bem alto! Mais alto ainda!  
Timoneiro, deixa a guarda!

**Tripulação do Holandês**  
Hurra! Iô ô ô-ê! Iô ô ô-ê!  
Hurra! (etc.)

Sopra veloz, vento da tempestade, vá uivando, (etc.)  
Iô ô ê! Iô ô ô-ê! Hurra! (etc.)

*(Os marujos noruegueses, já calados sob a influência da tempestade e da desvairada agitação da aparição cada vez mais violenta, deixam, cheios de horror, o seu convés, fazendo o sinal da cruz; notando-os, a tripulação do navio fantasma do holandês solta raivosos risos sardônicos)*

Ah ah ah ah ah ah!

*(Ao mesmo tempo, volta a reinar no navio deles o mesmo silêncio mortal de antes, - mais uma vez, densa escuridão cobre o navio; o ar e o mar estão calmos, como antes. Senta vem, a largos passos, saindo da casa; segue-a Erik em extrema agitação.)*

**Erik**  
O que é que ouço! Deus, o tenho que presenciar!  
Será ilusão? Verdade? Será fato?

**Senta**  
Oh, não perguntes! Não tenho licença para dar-te resposta!

**Erik**  
Oh, justo Deus! Não há dúvida, é tudo verdade!  
Que força desgraçada te levou a tanto?  
Qual foi o poder que te seduziu,  
qual foi o poder que te seduziu tão depressa,  
de modo a quebrar cruelmente esse mais fiel coração!  
Teu pai, ah!, com ele trouxe o noivo,  
claro que o conheço, eu pressenti o que está  
acontecendo!  
Mas tu... será possível! Deste a tua mão ao homem,  
apenas ele havia cruzado o teu umbral!

**Senta** *(in heftigem innerem Kampfe)*  
Nicht weiter! Schweig! Ich muss! Ich muss!

**Erik**  
Oh, des Gehorsams, blind wie deine Tat!  
Den Wink des Vaters nanntest du willkommen,  
mit einem Stoss vernichtest du mein Herz!

**Senta**  
Nicht mehr! Nicht mehr! Ich darf dich nicht  
mehr sehn,  
nicht an dich denken, hohe Pflicht gebeut's!

**Erik**  
Welch hohe Pflicht? Ist's höh're nicht, zu halten  
was du mir einst gelobet, ewige Treue?

**Senta** *(heftig erschrocken)*  
Wie? Ew'ge Treue hätt' ich dir gelobt?

**Erik**  
Senta! Oh, Senta, leugnest du?

Willst jenes Tag's du nicht dich mehr entsinnen,  
als du zu dir mich riefest in das Tal?  
Als, dir des Hochlands Blume zu gewinnen,  
mutvoll ich trug Beschwerden ohne Zahl?  
Gedenkst du, wie auf steilem Felsenriffe  
vom Ufer wir den Vater scheiden sahn?  
Er zog dahin auf weissbeschwingtem Schiffe,  
und meinem Schutz vertraute er dich an,  
ja, meinem Schutz vertraute er dich an, usw.  
Als sich dein Arm um meinen Nacken schlang,  
gestandest du mir Liebe nicht aufs Neu?  
Was bei der Hände Druck mich hehr durchdrang,  
sag, war es nicht die Versich'ung deiner Treu'? usw.  
Was bei der Hände Druck, usw.

*(Der Holländer hat ungesehen den Auftritt belauscht.)*

**Holländer**  
Verloren! Ach! Verloren!  
Ewig verlorn'es Heil!

**Erik** *(entsetzt zurücktretend)*  
Was seh ich! Gott!

**Holländer**  
Senta, leb wohl!

**Senta** *(sich dem Holländer in den Weg werfend)*  
Halt ein! Unsel'ger!

**Erik** *(zu Senta)*  
Was beginnst du?

**Holländer**  
In See! In See! In See für ew'ge Zeiten!  
*(zu Senta)*

Um deine Treue ist's getan,  
um deine Treue, um mein Heil!  
Leb wohl! Ich will dich nicht verderben!

**Erik**  
Entsetzlich! dieser Blick!

**Senta**  
*(sich dem Holländer entgegen werfend, wie vorher)*  
Halt ein! Von dannen sollst du nimmer fliehn!

*(Der Holländer gibt ein gellendes Zeichen auf seiner Pfeife und ruft der Mannschaft seines Schiffes zu.)*

**Holländer**  
Segel auf! Anker los!  
Sagt Lebewohl auf Ewigkeit dem Lande!

Fort, auf das Meer treibt's mich aufs Neue, usw.  
Ich zweifl' an dir, ich zweifl' an Gott! usw.  
Dahin, dahin ist alle Treue,  
was du gelobtest, war dir Spott!  
Was du gelobtest, war dir nur Spott,  
es war dir Spott!  
Fort auf das Meer usw.  
Dahin, dahin! Ewig dahin!

**Senta** *(em violenta luta intima)*  
Não continues! Cala! Eu preciso! Eu preciso!

**Erik**  
Oh, que obediência, cega como a tua ação!  
O aceno do pai tu chamaste de benvindo,  
de um só golpe destróis o meu coração!

**Senta**  
Não mais! Não mais! Eu não posso mais ver-te,  
não pensar em ti, supremo dever m'ô impõe!

**Erik**  
Que supremo dever é esse? Não é dever maior cumprir  
o que, noutros tempos, me juraste, eterna fidelidade?

**Senta** *(violentamente assustada)*  
Como? Eu teria jurado fidelidade eterna a ti?

**Erik**  
Senta! Oh, Senta, o negas tu?

Não queres mais lembrar-te daquele dia,  
quando tu me chamaste a ti no vale?  
Quando, para conquistar para ti a flor do planalto,  
corajosamente eu arrotei incômodos inumeráveis?  
Recordas tu como, dos íngremes arrecifes,  
vimos da margem o pai partir?  
Ele lá se foi em seu navio de brancas velas,  
e ele te confiou à minha proteção,  
sim, à minha proteção ele te confiou, (etc.)  
Quando teu braço rodeou a minha nuca,  
não me confessaste amor de novo?  
O que, pelo toque das mãos, me atravessou,  
dize, não foi que me asseguraste tua fidelidade? (etc.)  
O que, pelo toque das mãos, (etc.)

*(Sem ter sido percebido, o holandês escutou a cena.)*

**Holandês**  
Perdido! Ah! Perdido!  
Salvação perdida para sempre!

**Erik** *(recuando aterrorizado)*  
Que vejo eu! Meu Deus!

**Holandês**  
Senta, adeus!

**Senta** *(jogando-se ao caminho do holandês)*  
Fica! Infeliz!

**Erik** *(para Senta)*  
O que estás fazendo?

**Holandês**  
Ao mar! Ao mar! Ao mar por tempos eternos!  
*(para Senta)*

A tua fidelidade já era!  
já era a tua fidelidade, já era a minha redenção!  
Adeus! Não quero arruinar-te!

**Erik**  
Terrível! Esse olhar!

**Senta**  
*(atirando-se contra o holandês, tal como antes)*

Fica! Daqui jamais hás de fugir!

*(O holandês dá um estridente sinal com seu apito e grita para a tripulação de seu navio.)*

**Holandês**  
Levantai as velas! Soltai as âncoras!  
Dizei adeus à terra para sempre!

Vou embora, ao mar sou levado de novo (etc.)  
Duvido de ti, duvido de Deus! (etc.)  
Foi-se, foi-se toda a fidelidade,  
o que juraste, para ti foi troça!  
O que juraste, para ti foi só troça!  
para ti foi troça!  
Vou embora, ao mar (etc.)  
Foi-se, foi-se! Foi-se tudo eternamente!

**Senta**

Ha, zweifelst du an meiner Treue?  
Unsel'ger, was verblendet dich?  
Halt ein, halt ein, halt ein!  
Das Bündnis nicht bereue!  
Was ich gelobte, halte ich.  
Halt ein, halt ein!  
Ha, zweifelst du, usw.

**Erik**

Was hör ich? Gott! Was muss ich sehen,  
muss ich dem Ohr, muss ich dem Auge traun?  
Was hör ich? Gott!  
Senta, willst du zu Grunde gehen?  
Zu mir, zu mir! Du bist in Satans Klau'n usw.  
Was hör ich, usw.

**Holländer**

Erfahre das Geschick, vor dem ich dich bewahr!  
Verdammt bin ich zum grässlichsten der Lose,  
zehnfacher Tod wär' mir erwünschte Lust!  
Vom Fluch ein Weib allein kann mich erlösen,  
ein Weib, das Treu' bis in den Tod mir hält.  
Wohl hast du Treue mir gelobt . . .  
doch vor dem Ewigen noch nicht:  
dies rettet dich!  
Denn wiss', Unsel'ge, welches das Geschick,  
das Jene trifft, die mir die Treue brechen:  
Ew'ge Verdammnis ist ihr Los!  
Zahllose Opfer fielen diesem Spruch durch  
mich . . .  
Du aber sollst gerettet sein! Leb wohl!  
(zum Abgang gewandt)  
Fahr hin, mein Heil, in Ewigkeit!

**Erik** (in furchtbarer Angst nach dem Hause und dem Schiffe zurufend)  
Zu Hülfe! Rettet, rettet sie!

**Senta** (den Holländer aufhaltend)

Wohl kenn ich dich, wohl kenn ich dein Geschick;  
ich kannte dich, als ich zuerst dich sah!  
Das Ende deiner Qual ist da:  
Ich bin's, durch deren Treu'  
dein Heil du finden sollst!

**Erik**

Helft ihr!

(Auf Eriks Hülfesruf sind Daland,  
Mary und die Mädchen aus dem Hause,  
die Matrosen von dem Schiffe herbeigeeilt.)

Sie ist verloren!

**Daland, dann Mädchen und Matrosen,  
dann Mary**

Was erblick ich!

**Daland**

Gott!

**Holländer** (zu Senta)

Du kennst mich nicht,  
du ahnst nicht, wer ich bin!

(Er deutet auf sein Schiff, dessen blutrote Segel  
aufgespannt werden,  
und dessen Mannschaft in gespenstischer  
Regsamkeit die Abfahrt vorbereitet.)

Befrag die Meere aller Zonen,  
befrag den Seeman, der den Ozean durchstrich,  
er kennt dies Schiff, das Schrecken aller Frommen:  
den fliegenden Holländer nennt man mich.

(Der Holländer gelangt mit Blitzesschnelle am Bord  
seines Schiffes, welches augenblicklich die Küste  
verlässt und in See geht. Senta will  
dem Holländer nacheilen,  
Daland, Erik und Mary halten sie zurück.)

**Mannschaft des Holländers**

Jo ho hoe! usw.  
Ho jo hoe! usw.  
Hoe! Hoe! usw.  
Huissa!

**Mädchen und Matrosen, dann Daland,  
Mary und Erik**

Senta! Senta! Was willst du tun?

**Senta**

Ah, duvidas tu de minha fidelidade?  
Infeliz, o que te cega?  
Fica, fica, fica!  
Do pacto não me arrependo!  
O que jurei, eu cumpro.  
Fica, fica!  
Ah, duvidas tu, (etc.)

**Erik**

O que ouço? Deus! O que tenho que presenciar,  
posso confiar nos ouvidos, posso confiar nos olhos!  
O que ouço? Deus!  
Senta, queres destruir-te?  
Vem a mim, vem a mim! Tu estás nas garras de Satã  
(etc.)  
O que ouço? (etc.)

**Holandês**

Sabe da sina da qual eu te quero poupar!  
Condenado estão a mais terrível das sinas,  
dez vezes a morte seria para mim júbilo ansiado!  
Da maldição só u'a mulher poderá salvar-me,  
u'a mulher, que me seja fiel até a morte.  
Embora me hajas jurado fidelidade...  
porém, perante o Eterno ainda não:  
isso é o que te salva!  
Pois sabe, infeliz mulher, qual é a sina  
que atinge as que me quebram a fidelidade:  
Condenação eterna é a sua sina!  
Inúmeras foram vítimas dessa maldição por  
intermédio meu...  
Tu, porém, queres que te salves! Adeus!

(dispondo-se a sair)

Vá-te, redenção minha, para toda a eternidade!

**Erik** (tomado por terrível medo, grita em direção à casa e ao navio)

Socorro! Salvai, salvai-a!

**Senta** (impedindo o holandês de ir embora)

Eu bem te conheço, eu bem conheço tua sina;  
eu te conheci, ao ver-te da primeira vez!  
O fim de teu tormento está aqui:  
Sou eu, por intermédio de cuja fidelidade  
hás de encontrar a tua redenção!

**Erik**

Ajudai-a!

(Acudindo ao grito de socorro de Erik, Daland, Mary  
e as moças saíram da casa, do navio acorreram os  
marujos.)

Ela está perdida!

**Daland, depois Moças e Marujos,depois Mary**

O que vejo eu?

**Daland**

Deus meu!

**Holandês** (para Senta)

Tu não me conheces,  
tu nem suspeitas quem sou eu!

(Ele aponta para o seu navio, cujas velas cor de sangue  
estão sendo hasteadas, e cuja tripulação, em  
fantasmagórica agitação, prepara a partida.)

Pergunta aos mares de todas as zonas,  
pergunta ao homem-do-mar que tenha cruzado o  
oceano,  
ele conhece esse navio, o terror de todos os devotos:  
de holandês voador é que me chamam.

(Veloz como um raio, o holandês chega a bordo de seu  
navio, que imediatamente sai da costa e se dirige ao  
mar. Senta pretende correr atrás do holandês. Daland,  
Erik e Mary a retêm.)

**Tripulação do Holandês**

Îô ô ô-ê (etc.)  
Ô îô ô-ê!  
Ô-e ô-e! (etc.)  
Hurra!

**Moças e Marujos, depois Daland,  
Mary e Erik**

Senta! Senta! O que queres fazer?

(Senta hat sich mit wütender Gewalt losgerissen und  
erreicht ein in das Meer vorstehendes Felsenriff;  
von da ruft sie mit aller Kraft dem  
abseglenden Holländer nach.)

**Senta**

Preis' deinen Engel und sein Gebot!  
Hier steh ich, treu dir bis zum Tod!

(Sie stürzt sich in das Meer; sogleich versinkt das  
Schiff des Holländers mit aller Mannschaft.  
Das Meer schwillt hoch auf und sinkt  
dann in einem Wirbel wieder zurück. Im Glührot der  
aufgehenden Sonne sieht man über den Trümmern  
des Schiffes die verklärten Gestalten Sentas und des  
Holländers sich umschlungen haltend dem Meere  
entsteigen und aufwärts schweben.)

**ENDE DER OPER**

(Com uma força desesperada, Senta se soltou e  
alcança um arrecife que avança sobre o mar; dali, com  
toda a força, ela grita para o holandês que parte com  
seu veleiro.)

**Senta**

Louva teu anjo e a promessa dele!  
Eis-me aqui, fiel a ti até a morte!

(Ela se atira no mar; no mesmo instante afunda o  
navio do holandês com toda a tripulação. Infla-se o  
mar e depois, num redemoinho, volta ao normal. No  
ardente brilho vermelho do sol que se levanta, se vêem,  
acima dos destroços do navio, as extasiadas figuras de  
Senta e do holandês, fortemente abraçadas, a emergir,  
do mar e a pairar em rumo ascendente.)

**FIM DA ÓPERA** (Tradução: I.M.)